FABIO PUENTES

HIPNOSE:

MARKETING
DAS RELIGIÕES

BIBLIOGRAFIA

KROGER, William: “Hipnosis Clínica y Experimental” *Ed. GLEM*

BOWERS, M. : “Amigo o traidor? Hipnosis al servicio de la religión”

. *Journal Clinical Experimental Hypnosis, 1959*

BOWERS, M. e GLASNER, S.: “Aspectos auto-hipnóticos en el concepto .

. cabalístico judío de la Kavanah” *J.C.E.H. ,1958*

PODMORE, F.: “Mesmerismo y Ciencia Cristiana: una breve historia de la

. curación mental” *Ed.Jacobs, 1909.*

GLASNER, S.:”Estudos sobre hipnose na Bíblia e no Talmude”

JCEH,1955

RUND, J. : “Hipnosis y plegaria” *Journal of Hypnosis, 1977*

SURIYABONGS, L.: “El budismo a la luz de las ideas científicas modernas”

. *Bangkok, 1954*

BRYAN, W.J.Jr.: “Aspectos religiosos de la hipnosis*”* *Thomas,1972*

WITTKOFSKI, J.: “El uso pastoral de la técnica hipnótica” *Mac Millan, 1961*

GLASS, L. e BARBER, T.: “Psiquiatria y Religión*”* *New York, 1979*

ENELOW, H. G.: “Kavanah, la lucha por la contemplación interior”, *1953*

MISHRA, R. S.: “Los fundamentos del yoga” *Julian Press, 1973*

COUSINS, Norman : “Anatomia de uma doença*”* *New Age, 1984*

TOCQUET, R.: “El poder del pensamiento” *Plaza & Janet, 1972*

RODRIGUEZ, Pepe : “El poder de las sectas*”* *Plaza & Janet, 1991*

STILLETA, Alfredo: “Sectas que dominan el mundo” *Atlántida,1993*

HOFFER, Eric: “El verdadero creyente” *Urano, 1988*

LEBRUN, M.: “Médicos del cielo, médicos de la tierra” *Ed.Luciérnaga, 1989*

DOSSEY, Larry: “Tiempo, espacio y medicina” *Robin Book, 1992*

HADLEY,J. e STAUDACHAER,C. “Hypnosis for change” *New Harbinger,89*

JORNAL da IGREJA UNIVERSAL, *ano V, n. 329 26/07 a 01/08/1998.*

DAVIS,L. e HUSBAND,R. “Um estudo da suscetibilidade hipnótica na . relação aos caracteres da personalidade” *Abnorm & S.Psychol.,1955*

ÍNDICE

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO
HISTÓRIA da HIPNOSE em CRENÇAS e RELIGIÕES
O EFEITO da FÉ nas CURAS
O PODER CURATIVO da ORAÇÃO
COMO se DESENVOLVEM os PROCESSOS MENTAIS
FENÔMENOS da SUGESTÃO e da HIPNOSE
O OBSCURO PODER da SEDUÇÃO
SEITAS e RELIGIÕES
PROMESSAS do ALEM ou ALEM das PROMESSAS?
ARMADURA ou ARMADILHA?
APENDICE

Introdução

“Mundus vult decipi; ergo decipiatur”
“O mundo quer ser enganado; pois que o seja”

Petronius

“Decipimur specie recti”

“Somos enganados com aparência de verdade”.

Horácio

“Decipies alios verbis vultoque benigno,
nam mihi jam notus dissimulator eris “.
“Enganarás a outros com tuas palavras e teu ar inocente;
pelo que me toca, bem sei que és um enganador”.

Marcial

“ Stultorum infinitus est numerus”.

“ O número de néscios é infinito**”.**

Ecclesiástes, I, 15.

Queria começar este livro citando estas frases sobre os enganos e

fraudes, porque em todas as idades do mundo, sempre houve enganadores que trataram de satisfazer este desejo das massas.

Especialmente no terreno religioso as grandes fraudes têm tomado repetidas vezes, proporções colossais e ameaçadoras.

Quando o "engano" se cobre com formas e aparências religiosas ou misteriosas; quando se faz intervir como principal agente das mistificações, as figuras de importância religiosa e filosófica, como **Jesus Cristo, Buda, Maomé, Krishna**, etc., junto a poderes desconhecidos ou sobrenaturais, então o "engano", se arraiga de tal modo no coração, que nem a potente luz da verdade clara e patente, pode arrancá-la de vez da imaginação popular.

Sempre se associou: ***Curas-Deuses a Milagres- Religião.***

Ou seja, que tais curas se incorporaram a entidades e deuses. Hoje se sabe que uma alta porcentagem dessas "curas" se realiza. As mesmas são feitas graças a força da fé, que os doentes depositam nessa comunicação com o ***além.***

Esta fé, por um mecanismo sugestivo-neuro-fisiológico, libera na corrente sangüínea hormônios que aumentam o sistema imunológico do paciente. Este fenômeno é conhecido na medicina moderna como *Psico-Neuro-Imunologia*.

Realmente, o mecanismo que produz a "cura" é excelente; o que não é excelente, é a intenção da maioria dos *curadores*, que se aproveitam desse momento, muito desesperador para o ser humano, com algo tão importante para ele, como sua saúde ou a de seus familiares.

Estes curadores, sacerdotes, xamãs, gurus, "sanadores", líderes religiosos, etc., se consideram muito importantes, pois são os ***messias de alternativa,*** porque é através deles que se consegue a comunicação com os deuses.

De um lado está: *o doente*; no outro extremo: *os deuses*; e estes *personagens* são o **elo** da comunicação. Isto os faz indispensáveis para solicitar, por seu intermédio, qualquer coisa: uma cura rápida, um pedido especial, dinheiro, bens, amor, soluções, etc.

Sem eles nada se pode fazer. O código secreto para realizar este contato, está em seu poder. E fazem questão de que sejam reconhecidos. Para que eles estejam dispostos a realizar estes intercâmbios, precisam de certo conforto, que se consegue com doações, dízimos, presentes, isenções

de impostos e às vezes, regidos por uma tabela de preços.

São os *representantes* dos deuses na terra, e como tais, é preciso tratá-los muito bem .

O empresário circense P.T. Barnum, dono de um dos circos mais famosos e dos maiores do mundo que já existiram, estudou um fenômeno psicológico nos milhares de pessoas que assistiam as suas funções em seu imenso circo de três pistas. Este estudo prático o levou a tirar a mesma conclusão de Eclesiastes, e o expressou dizendo: ***"every minute a sucker is born",*** isto é: **"a cada minuto nasce um lompo".** O lompo é um tipo de peixe que tem constantemente o focinho aberto e que come tudo o que se põe na sua frente, sendo por esta razão o símbolo dos tontos, bobos e outras variedades dos que **"crêem e aceitam tudo sem questionar".**

Quando uma superstição ou crença se arraiga profundamente no povo, e se cria uma dependência total da mesma, com mais rasgos de temor que de amor, a evidência do engano não é suficiente para desarraigá-la. É necessário além disso dar à multidão ***"algo"*** que substitua essa crença.

Sabe-se que nada pode-se *eliminar*, tem que ser *substituído*, isto é quase um preceito da psicologia.

E tem isto sido o grande obstáculo que encontraram os especialistas, que estudam seitas e religiões. Porque se corre o risco de que, ficando o povo "**sem nada**", queira vingar-se daquele ou daqueles que lhe arrancaram "**o que tinham"** (***verdadeiro ou falso).***

Neste estudo: **NÓS NÃO DESCOBRIMOS NADA, SIMPLESMENTE EXPLICAMOS O JÁ EXISTENTE**.

A hipnose, existiu, existe e seguirá existindo como *marketing–isca* a ser usada por muitas religiões e seitas para *pescar* "lompos"; desde a época dos primeiros sacerdotes egípcios até os pastores eletrônicos da TV de nossos dias.

Não é nossa pretensão que se aceite ou concorde com nossas teorias e experiências, senão que se tenha uma visão diferente, a partir de outra ótica, de como funciona o fenômeno da hipnose na comunicação de massas.

(***Ademais, seria muito hipócrita da minha parte ir ao templo e rezar para que este livro vendesse bem...***

...muito obrigado; Fabio Puentes)

“Não existe para o homem que se mantém livre, preocupação mais constante, mais instigante, que a de procurar um ser ante quem inclinar-se”

Dostoievski

1 História da Hipnose nas Crenças e Religiões

História da Hipnose:

A hipnose tem sido praticada por todas as religiões, sob numerosas denominações, e em diferentes lugares, desde o começo da humanidade.

A evidência mais antiga de sua existência foi achada entre os xamãs, aos quais se tinha como “feiticeiros”, “curandeiros” ou “sanadores”.

No preparo para a cura, o xamã entregava-se a determinadas práticas que permitiam intensificar seus poderes de concentração. Nas 24 horas prévias à sessão de cura, evitava o uso de substância química ou alcoólicas.

Como o xamã necessitava sentir-se fortemente centrado, colocava-se num local onde nada nem ninguém o perturbasse. Ficava numa sala escura e silenciosa ou num local isolado no bosque ou numa caverna. Ali, o xamã ficava o mais confortável possível e começava a sua descida até o “mundo interior”. Com freqüência, a viagem era acompanhada pelo som de tambores, salmodias, cânticos e danças, que podiam ser executados pela companheira do xamã ou pelo próprio xamã.

Todas as atividades do acompanhamento tinham duas qualidades em comum: eram rítmicas e monótonas. A repetição e a continuidade permitiam a mente subconsciente do xamã atingir uma forte concentração, singularizar o espirito do paciente, convertendo-o em um todo e assim devolvia-o ao mesmo.

Na realidade, o xamã entregava-se a um poderoso processo de

visualização e sugestão no qual induzia o doente a curar-se.

No **Egito**: o Papiro Ebers, que teve sua origem cerca de três mil anos, mostra como os adivinhos e sacerdotes egípcios, colocavam seus pacientes num *transe hipnótico* semelhante ao que se pratica na atualidade.
Tal era o poder de convencimento e de domínio sobre as massas, que em certo momento, sob o reinado do faraó Akenatón (Amenhotep IV), no Egito se passou de uma religião politeísta a uma monoteísta, voltando em pouco tempo ao politeísmo, na época de Tutankamón. Os sacerdotes tinham mais poder que os próprios faraós.
Não se discutia nada; tudo se aceitava.

Na **Grécia**: os sacerdotes (médicos) gregos praticavam assiduamente a hipnose, no Templo de Asclepios (Esculápio), e em Epídomo. Isto se fazia com tanto sucesso, e resultados positivos que começaram a levantar-se templos especiais, chamados "templos do sono", nos quais se realizavam cultos a Asclépios, deus da medicina. Nesta região foram encontrados em pintura rupestre, desenhos feitos há 2000 anos atrás, com representações de pacientes em transe hipnótico. Os desenhos estão nos Templos de Epídomo, Corinto, Atenas, Pérgamo, Trica, Lebena, etc.

Na **Índia**: país sensivelmente místico, as técnicas de hipnose foram aceitas e chegaram a dominar completamente. Os Yoguis conseguiram combinar a incessante repetição de seus mantras como as técnicas de sugestão, até conseguir o fenômeno da auto-hipnose.
Conseguiram adornar estes fenômenos com certos truques, que eles mesmos desenvolveram (a corda no ar, o encantamento das serpentes, a cama de pregos, enterrar-se vivos por um tempo, etc.). Isto foi aceito pelos colonizadores ingleses e esparramado pelo resto do mundo como algo excepcional.
Da Índia saíram muitos movimentos filosóficos, muitas seitas que se expandiram por todo o ocidente, com destaques em seus gurus, os guias espirituais (palavra que em *sánscrito* significa: "o pesado", isto é, aqueles que carregam o peso da sabedoria e do conhecimento), originalmente eles eram guias e mestres, mas a palavra passou a ser gradualmente aplicada

àqueles que transmitem *insight* espiritual, personagens muito importantes porque são o **elo** com os deuses, e em muitos casos não apenas ensinam e guiam os indivíduos, mas são também líderes da comunidade.
E assim como o Ocidente conquistou comercialmente o Oriente; foi o Oriente quem nos ditou as filosofias novas. Nos apresentou as religiões alternativas, modismo nos quais muitos entraram por *snobismo*, (atores, poetas, músicos e seguidores, que procuravam algumas respostas a perguntas muito abrangentes e subjetivas, como: *“quem eu sou? aonde vou? onde está meu eu superior?”),* e integraram novos hábitos, no vestir, comer, familiar, nos comportamentos, na conduta, etc.
No comer, é usada a técnica de mudar os velhos hábitos alimentares e retirando de forma imediata todas as proteínas, assim o nosso cérebro acostumado e adaptado por nosso estilo de regime alimentício ao ingerir muita proteína, sente a falta, ficando um pouco mais *lento* e o umbral do consciente *desce*. Desta forma aceitam-se as sugestões, sem questionar, as quais são depositadas mais facilmente dentro de nossa mente.
No vestir e nos comportamentos são obrigados a usar certas roupas, pinturas, cortes de cabelos, colares, entoar mantras e cânticos, etc., não comuns em nossa cultura e sociedade, isto leva a uma sensação de *transplante temporo-social*, que leva a uma despersonalização por submissão e aceitação.
No familiar e social em muitas seitas de origem hinduísta, *tira-se* os adeptos de seu núcleo familiar, isolando-os de todo vínculo afetivo, deixando neles uma sensação de fragilidade e carência. Este vazio é preenchido pela nova “família”: o guru substitui os pais e os membros da seita ou nova ordem religiosa, os irmãos.
O Yoga não é considerada uma religião senão uma “ciência”, com a qual se adquire o *domínio da mente* e se curam doenças físicas e emocionais. A meta central é a união com Deus e constitui o método pelo qual efetua-se a cura.
Os princípios fundamentais do Yoga são, em muitos aspectos semelhantes aos da hipnose.
As técnicas usadas são comprovadamente iguais: cria-se uma atenção a uma atitude mental favorável, a qual leva a formar a expectativa, tão necessária para que a imaginação catalise o processo.

O desvio intencional da atenção se deve aos vários exercícios respiratórios e das posturas. A respiração pausada e rítmica conduz ao relaxamento completo. O estado de liberação completa é muito parecido com a despersonalização e aos outros estados dissociativos, característicos da hipnose.

Na **China**: um pouco antes do início da Era Cristã, se realizava solenes cerimônias, durante as quais se rendia culto aos antepassados. Estas cerimônias constituíam numa série de estímulos auditivos, obtidos com tambores, flautas, sinos e cordas. Os participantes se entregavam a uma frenética dança giratória, até que chegavam à dissociação do consciente, produzindo histerias, convulsões, gritos, saltos e finalmente entravam em um profundo estado de sonolência. Com este sistema se conseguia a hipnose coletiva.
A meditação budista é outra das modificações da auto-hipnose. Siryananda, um médico que tem seu consultório em Bangkok, indica que centenas de sacerdotes budistas praticam uma espécie de psicoterapia primitiva que seria similar a hipnose como se pratica na atualidade. Ele acredita que se desenvolveu este método partindo da meditação budista. E os monges crêem que são poderes sobrenaturais que levam a curas milagrosas.
Os sacerdotes budistas tratam os pacientes neuróticos e são considerados como médicos gerais em muitos destes povoados.
Os budistas praticam a meditação *Zen* sobre si mesmos e consideram que isto leva à sabedoria e ao conhecimento de si, a auto-realização e à paz interior.
Na auto-hipnose, como no *Zen*, a meditação leva à concentração exagerada, à atenção ao próprio ser, e à receptividade aumentada das idéias saudáveis. Como resultado, os processos emocionais corretivos são acelerados.
Ao ver-se a si mesmo com maior objetividade, mais conhecimento de si, permite-se a apreciação de suas próprias necessidades e o leva a uma compreensão mais profunda, chegando à auto realização.
Depois de aprender a meditar, um monge *Zen,* recebe ensinamentos onde lhe é apresentado uma série de problemas sobre questões universais e muito difíceis. São necessários muitos anos para se conseguir as respostas corretas para tais problemas, que são aproximadamente em torno de mil e

setecentos. Estes problemas, levam ao “desvio intencional da atenção”. O que impede que o *Zen* seja reconhecido como hipnose?

No **Judaísmo:** em um estudo feito por Bowers e por Glasner, que era rabino e psicólogo, comparam o estado cabalístico judeu de *Kavanah* com a auto-hipnose.

Glasner notou que as experiências durante a oração eram assombrosamente semelhantes aos fenômenos observados nos sujeitos hipnotizados por ele. O elemento comum em todas as cerimônias, rituais e experiências de submetimento à vontade divina existente entre os judeus, parece ser remanescente dos fenômenos auto-hipnóticos. Ambos se encontraram cristalizados no conceito do *Kavanah.*

A raiz da palavra *Kavanah* se encontra no conceito de ”um coração bem temperado”. Porém, no Talmude, o *Kavanah* implica em: concentração e motivação.

Na teologia judaica a eficácia da oração é totalmente dependente com o fato de *haver* conseguido o *Kavanah.*

O *Kavanah* se utilizou para induzir um estado de êxtase religioso e um estado de compreensão mais profundo e sentimento da Divindade, na realidade interna de cada um.

A oração, particularmente nas religiões cristãs e judaicas, tem muitas semelhanças com a indução hipnótica. Existe uma cadência e entonação regular das orações, um ambiente relaxador e a atenção fixa no altar ou ao chefe religioso.

No judaísmo, existe um balanço corporal, monótono, para diante e para trás, que torna-se hipnagógico.

Por último, a contemplação, meditação e auto-absorção, características da oração são quase idênticas na auto-hipnose.

Os profetas utilizaram provavelmente técnicas, tanto auto-hipnóticas, como de hipnose geral.

Os estudiosos do Talmude deixam ver que os profetas utilizaram a despersonalização para obter a ubiqüidade, ao ver-se a si mesmo em um lugar diferente do real.

Um caso interessante de hipnose relatado pela Bíblia, neste caso, hipnose de animais, é o de Moisés que na presença dos sacerdotes joga seu cajado

ao solo que imediatamente se transforma em uma serpente, que devora as cobras dos sacerdotes egípcios.
Para hipnotizar uma cobra, atualmente se sabe que se deve segurá-la na extremidade oposta à cabeça, e passando os dedos por suas vértebras, subindo até a cabeça, dá-se um beliscão na nuca, instante que a mesma fica hipnotizada, tanto que ela fica totalmente rígida, como se fosse um pedaço de pau.

Este tipo de técnica já era conhecido na antigüidade, pelos sacerdotes e sábios, que a usavam para impressionar, maravilhar as massas; que não deixa de ser uma hipnose ao melhor estilo *vaudeville.*

A hipnose em répteis, mamíferos, aves, anfíbios, crustáceos, se dá por uma inibição mecânica ou naturalmente por estímulos biológicos. Às vezes um giro repentino por impulso manual ou mecânico produz-se nos animais uma excitação tônica da zona de reflexo de posição e uma inibição das zonas motoras corticais (segundo Verworn e Mangold).
Bowers e Glasner assinalam que as gerações anteriores tiveram que escrever e explicar muitas experiências com conceitos religiosos, que na linguagem atual seriam descritas como auto-hipnóticas. Isto é muito lógico, posto que o conceito de hipnose é muito moderno.
Afirmam ademais, que a investigação hipnótica pode provavelmente proporcionar-nos uma explicação real do motivo da oração e seus efeitos. Sobre uma base não religiosa, Rund (em seu livro *"Hipnose e Oração"*) descreve como pode-se utilizar a oração como método indutivo para a analgesia dentária.

Ao estudar os princípios fundamentais de todas as religiões, a pessoa que estuda orientada na fenomenologia da hipnose assim como na teologia, não pode deixar-se de impressionar pela observação do uso da sugestão e/ou hipnose nos muitos níveis diferentes de consciência.
Não é necessário referir-se diretamente à Bíblia, ao Corão, ao Talmude, aos Vedas (bíblia hindu), ou qualquer outro texto religioso, para dar-se conta de que a hipnose de uma ou outra forma é praticada em quase todas as religiões, tanto pelos sacerdotes, como por gurus e xamãs. (W. Kroger).

Época moderna: No século XVIII um médico austríaco, Franz Anton Mesmer (1733-1815), identificou este antigo fenômeno curativo e o incorporou dentro de uma teoria de magnetismo animal. Mesmer acreditava que um “fluido cósmico” podia armazenar-se em objetos inanimados, como imãs, e transferir aos doentes esse fluído para curar a sua doença. Mesmer vestia-se com extravagância. Seus consultórios tinham uma iluminação muito fraca e estavam decorados com espelhos. Uma suave música quebrava o profundo silêncio. Os pacientes sentavam-se em círculo ao redor de uma enorme tina, que tinha em seu interior água, vidro em pó e limalha de ferro. Os pacientes seguravam varinhas de ferro que saiam da tina, as quais, acreditavam transmitir a força curativa.
Mesmer acreditava que o “fluido cósmico”, estimulado pelos imãs, era conduzido através do corpo de seu paciente. O fluxo de energia do paciente ficava restabelecido e como conseqüência disso recuperava-se a saúde.
No final, Mesmer desprezou os imãs. Começou a considerar seu corpo como um imã, através do qual podia-se conduzir-se uma força vital fluida que logo transmitia-se a outros como uma força curativa. Isto é o que Mesmer chamou de “magnetismo animal”.
Apesar do fato de que nenhuma prova sustenta a existência dos “fluídos cósmicos” e do “magnetismo animal”, Mesmer teve uma porcentagem muito grande de sucesso. A única explicação para o seu sucesso é que seus pacientes estavam literalmente “mesmerizados” na crença e expectativa de que seriam curados. O *mesmerismo* foi o predecessor da sugestão hipnótica.
Nesse mesmo período, um dos discípulos de Mesmer, o Marquês de Puysègur, introduz um novo ponto de vista nas teorias do mesmerismo. Puysègur acreditava que o “fluido cósmico” não era magnético, senão elétrico. O fluido elétrico era gerado em todas as coisas vivas, assim nas plantas como nos animais. Puysègur usou o ambiente natural para encher seus pacientes com o fluidos elétricos curativos que esperava terminar com seus sofrimentos. Sua clínica consistia em uma instalação ao ar livre, onde os doentes eram recebidos embaixo de um olmo (tipo de árvore européia) Puysègur acreditava que a árvore tinha um poder curativo próprio e que a força percorria o tronco e os galhos até chegar nas cordas penduradas da árvore. No pé da árvore, os pacientes sentavam-se num círculo, em bancos de pedra com as cordas enrolhadas ao redor das partes doentes de seus

corpos. Os pacientes “ligavam-se” entre si unindo seus polegares, o que permitia que o “fluido” circulasse de uma pessoa à outra e a curasse. Durante esta atividade, Puysègur observou um fenômeno estranho. Alguns dos pacientes entravam num estado de sonambulismo (um sono profundo) como resultado de estarem “mesmerizados”. Nesse estado, o doente podia continuar comunicando, ficar lúcido e ser receptivo às sugestões do “mesmerista”. O Marquês tinha descoberto o transe hipnótico, mas não o tinha identificado como tal.

Em meados do século XIX, o transe hipnótico foi utilizado para aliviar a dor. Um médico de Londres, John Elliotson (1791-1868), informou que 1.834 cirurgias efetuaram-se sem sofrer dor. Na Índia, um cirurgião de nome James Esdaile (1808-1859) fez muitas intervenções importantes, como a amputação de extremidades, utilizando o mesmerismo (ou, como ele o chamou, um “sono magnético”) como único anestésico. Um dos procedimentos implicava em condicionar o paciente semanas antes de fazer a cirurgia. Isto se conseguia induzindo a um estado de transe, oferecendo-lhe sugestões post-hipnóticas para amortecer a parte do corpo sobre a qual iria se efetua a intervenção cirúrgica. Em um segundo método, o hipnotizador atendia ao paciente na sala de cirurgia, induzindo-o a um estado de transe e sugerindo a dissociação de toda a dor. O paciente podia permanecer absolutamente acordado durante este estado e também abstrair-se da dor, como se estivesse sob anestesia geral.

O mesmerismo continuou dando lugar a novas teorias e usos. Ao final do século XIX, um físico inglês, James Braid (1795-1860), deu uma explicação científica ao mesmerismo. Braid acreditava que o mesmerismo era um “sono nervoso” e o batizou com a palavra *hypnosis*, derivada do grego *hypnos*, que quer dizer sono. Braid conseguiu demonstrar que as pessoas hipnotizadas ficavam às vezes anormalmente suscetíveis às impressões sensoriais (a tudo o que entrasse pelos sentidos) e que grande parte de seu comportamento devia-se às sugestões feitas verbalmente.

Logo apareceram outras teorias. Foi Jean Martin Charcot (1825-1893), um neurologista que lecionava aulas no hospital La Salpetrière, em Paris, que explicou ser a hipnose um estado de histeria e a categorizou como uma atividade neurológica anormal.

Em outra cidade da França, Nancy, dois pesquisadores, Auguste

Leibeault (1823-1904) e Hippolyte Bernheim (1837-1919) foram os primeiros a considerar à hipnose como um fenômeno *normal*. Eles escreveram o primeiro livro, que se conheça, sobre hipnose, onde afirmaram que a expectativa é o fator mais importante na indução da hipnose, que a sugestibilidade intensificada é o seu sintoma essencial e que o hipnólogo age sobre o paciente através de influências mentais.

Nessa mesma época, Freud começou a interessar-se pela hipnose e visitou as clínicas de Nancy e La Salpetrière para saber e aprender as técnicas de indução. Quando Freud observou os pacientes entrarem num estado hipnótico, começou a reconhecer a existência do inconsciente, como uma fonte importante de psicopatologías. Assim mesmo, no começo de sua pesquisa Freud rejeitou a hipnose como ferramenta para desbloquear as lembranças reprimidas, privilegiando assim as suas técnicas de associação livre e interpretação dos sonhos.

Com o nascimento da psicanálise na primeira metade deste século, a hipnose perdeu em popularidade.

A início da década de 1950 a hipnose, sai das sombras e, experimenta um ressurgimento quando lhe foi dado novos e eficazes usos na terapia.

Na atualidade o estado de transe é reconhecido como uma ferramenta muito eficaz para modificar o comportamento e a cura.

Vemos diariamente pela televisão e jornais, ou escutamos pelo rádio, anúncios de atos religiosos, realizados pelas religiões mais espalhadas. **Nestes atos se realizam centenas de curas pela fé e todas usam a sugestão e/ou a hipnose** (como funciona este fenômeno, veremos nos próximos capítulos).

“O assombro é a base da adoração”
Thomas Carlyle

2 O efeito da fé nas curas

Toda forma de cura pela mente tem que ser dividida em: ***religiosas e não-religiosas.***
O primeiro grupo sustenta que todas as curas são devidas a fatores metafísicos ou fé no divino.
A utilização da cura “mágica” e pela fé, desde antigüidade até a psicoterapia moderna já foi analisado no capítulo anterior.
A história da medicina corre paralela ao desenvolvimento da medicina mágica, que era praticada quando não era possível demonstrar uma ração física para a doença. A cura mágica conseguia-se a través de amuletos, talismãs, ervas, forças naturais e exorcismos. Desde seu inicio a cura mágica se fez do domínio especial dos sacerdotes e, de certa maneira, ainda é praticada com o nome de cura pela fé.
A fé é um parâmetro muito difícil de medir no que afeta a saúde humana; porém, é o poder curativo mais potente da terra. Desde o momento que quase todas as doenças orgânicas tem um componente psicológico, a cura pela fé pode ter sucesso nos processos psicossomáticos. Quase todas as comunidades religiosas estão de acordo em que quando uma pessoa está doente devem utilizar-se os procedimentos científicos em conjunto com a fé.

A força da fé ajuda e complementa às prescrições terapêuticas do médico. A falta da fé pode diminuir a moral do paciente e influir adversamente no desenvolvimento da doença.

Segundo Kroger: *"Fé é uma palavra de forte carga emotiva e difícil de definir. Porém como desempenha um papel significativo em todas as formas de psicoterapia, é preciso estudar suas dinâmicas e suas relações com os tipos hipnóticos e religiosos de cura mental".*

Como já dissemos, a fé se constrói pela convicção e a imaginação. Isto já o manifestava Deslon, o sucessor de Mesmer.

Lamentavelmente não lhe foi dado o valor necessário. E nos casos da fé, não se usam nem a convicção nem a imaginação, senão que, se estimula a imaginação mediante algum tipo de desvio intencional da atenção em forma de um novo enfoque ou método que entusiasma ao público, sobretudo, se o mesmo é misterioso e está em moda.

Em todos os tipos de "curas maravilhosas" temos que distinguir entre a cura pela fé, atingida pela confiança do "curandeiro" em seu poder pessoal, e as curas espiritas, nas quais o curandeiro age como intermediário num processo de cura iniciado por uma divindade. Em quanto o curandeiro acredita que seu poder é igual ao das drogas, da terapêutica comum e de outros sistemas científicos; o espiritista acredita ser um instrumento religioso. Ambos tipos de cura estão relacionados com a sugestão e hipnose.

A cura pela fé depende assim mesmo de certos graus dos fatores culturais e psíquicos. Conforme o caso estes fatores intervém na expectativa de ser curado, porque a pessoa se convence de que "isso" será capaz de ajudá-la; ou pela fé e crença que emanam do prestígio do "curador", que bem pode ser um religioso ou um médico. Em muitos casos o médico faz curas simplesmente pelo fato de receitar um "placebo" (produto inócuo, que se dá convencendo de que é o melhor medicamento para esse mal, quanto mais convicto estiver o médico, método conhecido como *duplamente cego,* melhor e maior resultado tem o efeito do placebo).

As pessoas que consultam os curandeiros religiosos, vão com mais convicção de cura porque é *"Deus quem cura".* Aqui entra em jogo a expectativa.

Quando uma pessoa comum consulta um médico chega sem a convicção "definitiva" porque não tem na medicina a poderosa fé implícita que tem na

religião.
Isto vai se modificando com a sucessivas visitas, criando-se assim o *Rapport* necessário até chegar à convicção definitiva. E aí, o sujeito se recupera pela fé com a expectativa na cura.
Giordano Bruno manifestou isto muito bem numa frase: *"consegue mais o bruxo pela fé que o médico com a verdade".*
Se um médico de dez pacientes cura nove: *"é a sua obrigação pois estudou para isso",* pensa o povo. Contudo, se um curandeiro, diante de cem pessoas que o visitam, "cura" cinco o povo diz que: é um milagre!... e esta porcentagem, de acordo com as estatísticas das probabilidades, é muito natural de atingir.
É importante destacar, que dentro do campo dos profissionais da hipnose, ocorre algo semelhante. Os hipnólogos de palco, são os que têm mais sucesso terapêutico, sem ser muitas vezes terapeutas, pelo simples fato de suas demonstrações, que entusiasmam ao público, chegando às vezes perto da magia e do misticismo.
O profissional acadêmico, segue um caminho que nem sempre está acompanhando a expectativa do paciente.
Ao contrário, o bom hipnólogo de palco costuma ser um *expert* em ler a linguagem corporal e outros sinais sutis, indicadores do que as pessoas estão desejando conseguir.
O condicionamento prévio do sujeito vai determinar qual cura é mais efetiva: se é a hipnótica ou a religiosa.
Não há um método ideal aplicável a todas as pessoas, nem um enfoque religioso preferencial aos demais.
Todos estes métodos podem curar: o específico é aquele para o qual a pessoa foi "preparada".
O fato de existir tantas religiões, pastores e líderes religiosos que curam os transtornos emocionais indicam que tem todos um denominador comum.
Como prova disso, a religião que produz melhor seus efeitos sobre o sujeito é aquela na qual se tem estabelecido uma evocação suficiente de crenças e das convicções anteriores. Aqui está em jogo a habilidade do diretor do culto em aprofundar cada vez mais a dependência de seus fiéis nas suas arengas, cânticos e rituais, arraigando assim uma devoção mística e quase mágica no ritualístico.

Quanto mais forte o estímulo de impacto, mais estabelecida fica a crença. Estas mensagens vão diretamente, sem censura, à parte mais arcaica, mais antiga do cérebro onde está alojado o centro emocional e instintivo: a parte límbica (ver capítulo 5).

Por isso vemos em muitos centro religiosos, algumas *"misse em scêne"* para realizar sacrifícios, matando animais e invocando demônios para fazer exorcismo.

Em todos estes casos, é mais que fundamental o tom de voz do que propriamente se diz, além da postura, gestos teatrais, luzes, sons e ambientes decorados propositadamente, isto é muito importante.

Em suma, uma verdadeira representação merecedora de prêmios da Academia de Artes Cênicas.

Os imperadores romanos conheciam isso e o empregavam muito bem dando ao povo: ***PÃO*** *e* ***CIRCO***.

Apesar de tudo isto, quero deixar claro que aqui existe um condicionamento positivo, construtivo, o qual teria que ser melhor utilizado e que, lamentavelmente, não é.

A cura feita por estas pessoas ou pelos chamados lugares santos ou de peregrinação, a muitos dos males dos indivíduos, nada mais seria do que a somatória de sua crença, sua fé e convicção de que "isso" o curará.

Assim vemos que cada crente vai-se curar no local específico de sua crença: na gruta de Lourdes ou de Fátima os cristãos; os muçulmanos na Meca; os budistas nas pagodes; os judeus nas sinagogas; no templo evangélico os protestantes e assim por diante.

Fica evidente que na proporção da grande quantidade dos visitantes que chegam a esses locais procurando uma cura, são poucos os que logram o *milagre* da cura. Sabe-se que, para que isso realmente cause o efeito necessário, é importante a imaginação e a expectativa do indivíduo, que se dá com as atuações vistas anteriormente. Tem vezes que esta crença pode ser mudada ou acrescentada por outra, se as expectativas não são cumpridas no tempo desejado pela pessoa, aparecendo aqui uma das leis da sugestão: "uma emoção forte prevalece sobre uma emoção fraca". O que explicaria muitos dos sincretismos religiosos.

Esta classe de curas caem dentro do campo dos fenômenos da convicção, que são idênticos aos da hipnose.

Há um componente chave e de vital importância que temos que analisar dentro das sugestões hipnóticas: a **fé**.
Sem este componente é impossível uma comunicação hipnótica com êxito. Deve-se ter fé para que o processo funcione.
Com a fé operam três fatores: *imaginação, motivação e expectativa.* Se você pode imaginar alguma coisa dentro dos limites razoáveis, é bastante provável que o consiga. Os estudos tem demostrado que quando uma atividade é imaginada de forma vivida, o sistema interno do corpo reage exatamente como se a atividade tivesse sendo executada realmente. Os neurônios são ativados seguindo as mesmas pautas e produzem pequenas contrações nos músculos implicados na atividade imaginada. Os músculos "lembram" da prática da mesma forma que o cérebro lembra as estruturas e o ritmo da ação; este fenômeno é conhecido como "memória muscular", e as pegadas ou vias que deixam os estímulos no cérebro são chamadas de "engramas".
Este tipo de atividade imaginativa é uma forma de prática. Para entregar-se a ela primeiro é necessário determinar com precisão o que se deseja atingir. Logo, imagina-se que está fazendo a tarefa, executando a habilidade, entregando-se à atividade com total êxito. Também terá que imaginar-se experimentando as recompensas de seu sucesso.
No esporte isto é conhecido como *treino imaginário.*
Quando este tipo de treino imaginário é praticado de forma regular, se traduz na produção de uma energia física e mental muito desenvolvida, que incrementa a motivação. Desta forma tem-se a primeira parte de uma equação onde o resultado é a hipnose: *imaginação x motivação = fé* em você mesmo.
Se damos um passo em frente, a equação nos leva a *expectativa*. A expectativa se produz quando o subconsciente está totalmente convicto de que você é capaz de atingir seus objetivos.
Por um momento pense em um comediante. O comediante espera que o público dê risadas. Espera que a platéia ria. O público por sua vez espera que o comediante seja divertido. O comediante sai ao palco, ambas expectativas se correspondem e a platéia ri. Isto ilustra um princípio fundamental do comportamento humano: ***as pessoas comportam-se da forma que se espera que o façam.***

De forma que agora tem-se a equação completa:
imaginação x motivação = fé + expectativa
Se a esta equação soma-se o ***desvio da atenção***, a hipnose é muito mais poderosa e atinge mais diretamente a mente subconsciente, que induz e aceita as sugestões, sem questionar. No capítulo 5 deixamos bem claro, que no confronto entre a VONTADE com a IMAGINAÇÃO, e a RAÇÃO *versus* EMOÇÃO, a vitória sempre vai ser das duas últimas.

Observe o manifestado anteriormente e verá como essa equação está presente em todos os atos religiosos.

Existem umas duas mil religiões e seitas entre os quase seis bilhões de habitantes do mundo, e quanto mais se estudam as religiões, desde a mais "primitiva" (animista) até a mais "civilizada" (eletrônica); tanto mais evidente percebe-se que há uma relação assombrosa entre os fenômenos religiosos e a hipnose.

Bowers, em seu livro "Amigo ou Traidor? Hipnose a serviço da religião" diz: *"O religioso não pode afundar sua cabeça na areia e clamar ignorância da ciência e a arte da hipnose... Tanto se aprova como a desaprova, cada religioso ortodoxo, nos usos da liturgia, adoração ou pastorais, faz inevitavelmente uso das técnicas hipnóticas e fica por tanto sujeito as mesmas responsabilidades que os operadores cientificamente adestrados, conhecidos e reconhecidos como praticantes da hipnose".*

Existem movimentos como o Novo Pensamento, que tem incorporados os pontos de vista do reverendo W. F. Evans, conhecido escritor sobre a *cura mental*. Estes princípios são de que a mente têm uma influência sobre o corpo, que os bons pensamentos possuem um efeito positivo saudável e os maus pensamentos são prejudiciais.
Estes pontos de vista são sustentados hoje por alguns setores da medicina psicossomática.
Norman Cousins, editor da *Saturday Review*, começou a sofrer de uma doença terrível que é muito difícil de curar e que paralisa e deforma o corpo, conhecida como "espondilite anquilosante". Chegado certo momento de sua impossibilidade de mexer-se, pensou que assim como todo pensamento negativo destrui, também todo pensamento positivo constrói. A partir daí começou a pedir aos amigos que nas visitas trouxessem piadas e anedotas

novas e vídeos com comédias cômicas.
Conseguiu demonstrar que quinze minutos de riso eqüivaliam a quase duas horas de analgesia total.
Hoje, Cousins está recuperado e é convidado sempre a dar palestras, por todo os Estados Unidos, em universidades, hospitais, escolas, e congressos, contando tais experiências. Isto motivou-lhe a escrever vários livros sobre o tema, entre eles o mais interessante seria: "Anatomia de uma doença".
Sobre a base da informação conhecida, toda forma de cura pela fé faz uso da sugestão, efetuando uma dissociação temporária, provocada pela inibição cortical seletiva: a atenção é distraída mediante desvio intencional da mesma e a atitude mental favorável ou a situação mental resultante de crenças anteriores permite a aceitação de idéias carregadas de fé. O desvio da atenção é obtido pelo ritualismo que acompanha toda classe de curas religiosas, que, como vimos anteriormente, quanto melhor é *a posta* em cena, maiores e melhores curas se obtêm. Se repete o fenômeno da expectativa. Isto também sucede nos procedimentos hipnóticos, somente difere do assinalado acima. (William Kroger: "Clinical and Experimental Hypnosis").
Ninguém pode negar o poder da mente em qualquer tipo de cura e se tem que reconhecer e dizer que a fé é o melhor dos antídotos para o desespero.
A cura pela fé não é, em nenhum sentido, um milagre, é um método que utiliza forças psicológicas conhecidas. A pesar de isso, algumas pessoas tem-se aproveitado deste método para seus próprios propósitos egoístas, destruindo assim as crenças do sujeito***.***
Isto não dizemos para condenar a fé religiosa, senão a depositada nos charlatães que alimentam-se da dor humana.
É impossível separar de forma cartesiana, a mente do corpo, já que eles estão totalmente unidos. Tudo o que afeta ou ajuda a um, afeta ou ajuda a outro.
Não existe mente, existe só corpo! Não existe corpo existe só mente!

“As religiões poderiam ser boas se alguém tentasse praticá-las”

Oscar Wilde.

3 O poder curativo da oração

A oração é um fenômeno universal praticado por todos os povos e em todas as épocas da história humana. A invocação do transcendental adota uma interminável variedade de formas de acordo com cada cultura e com cada um de seus membros.

Atualmente assistimos um processo de revalorização da oração como uma

prática capaz de estimular uma expansão da consciência e propiciar metas e objetivos específicos que ajudem a melhorar nossas vidas. A cura de doenças é precisamente uma das propriedades atribuídas à oração que desperta mais interesse. Para os cientistas que estudam esta temática, a eficácia da oração é mais fácil de avaliar no campo da saúde que nos outros âmbitos da vida humana (realização espiritual, sucesso profissional, relações interpessoais) porque, a diferença destes últimos, o diagnóstico médico permite a quantificação e, por conseguinte, o seguimento objetivo de inúmeras variáveis implicadas.

À luz de certas informações, alguns médicos estão começando a olhar para um poder superior como potencial sanador. Por exemplo, a mundialmente reconhecida Escola de Medicina de Harvard e o Instituto Médico Mente/Corpo do Hospital Deaconess, de Boston, realizaram um curso em conjunto para revisar as evidências curativas da espiritualidade, incluindo aí a oração e as rezas.

Um dos participantes foi o professor Dale A. Matthews, da Faculdade de Medicina de Georgetown, que afirmou ter estado rezando com seus pacientes, durante os últimos cincos anos. Matthews, que tem seu consultório em Washington, diz estar muito impressionado com a forma com que a oração ajuda as pessoas, expressando teatralmente assim: *"no tratamento diário com suas dores de cabeça e problemas do coração*".

O especialista pergunta a seus pacientes graves ou que estão sob tratamento de longa duração se querem que ele reze por eles. *"Às vezes duvido se sou um médico **internista** ou **eternista",*** diz. Matthews prescreve sempre os mesmos medicamentos e tratamentos que os demais médicos.

A oração é uma opção extra que ele oferece, e não é obrigatória. Um grande número de seus pacientes a aceitam, inclinando suas cabeças, fechando seus olhos e rezando em voz alta durante alguns minutos.

"Mas Mathews é uma exceção. A maioria dos médicos não falam em rezar e muito menos o receitam", afirma o doutor Dan E. King, professor associado de Medicina Familiar, na Universidade de Carolina do Leste, em Greenville. Uma investigação publicada por ele em 1994, na Revista de Medicina Familiar, mostra o quão amplo é o abismo que separa os médicos de seus pacientes ao tratar-se o tema da oração. Quase a metade dos duzentos e

três doentes entrevistados desejavam que o médico rezasse com eles no hospital. Mais de dois terços de seus médicos nunca formularam nem a pergunta mais elementar acerca das crenças religiosas.
O fato é que a maioria dos médicos, ao serem consultado sobre o valor da reza na medicina, consideram que seu valor não é importante. Afirmam que não há evidência suficiente. Mas não podemos esquecer da expectativa do paciente. Qual é a sua crença? que nesse momento está sendo *sublimada* pelo desejo de uma cura. Neste quebra-cabeça é que se encaixa perfeitamente, às vezes, a presença do líder espiritual, falando o que o paciente “quer ouvir”. Aqui é bom ter em conta que a oração não é tão importante pelo que se diz, se não pelo receptivos que nos faz à presença de “nosso deus”. De novo aparecem as técnicas hipnóticas de uma indução, as quais originam estes resultados:

a) relaxamento do corpo e mente
b) centro da atenção limitado
c) consciência reduzida do ambiente externo
d) maior consciência interna das sensações
e) um estado de transe.

Neste sentido, o silêncio interior constitui uma maneira de oração muito mais profunda que o conteúdo de qualquer forma oral. Isto não passa de uma boa técnica de auto-hipnose, que tem um profundo efeito tranqüilizante: relaxam-se as tensões musculares, diminui o ritmo respiratório, se reduz o consumo de oxigênio e a produção de gás carbônico, baixa-se a pressão sangüínea e o coração bate mais devagar. Por outro lado, o registro das ondas cerebrais *alfa*, assim como a diminuição do lactato no sangue e o aumento da resistência elétrica da pele, demostram o poder ansiolítico da oração profunda.
Sem importar se a oração é correspondida ou não, pode-se afirmar que é benéfica para a saúde. Podemos achar inúmeros exemplos de milagres de cura, ligados à oração, em qualquer culto religioso que estudemos.
Uma minoria de médicos, mas cujo número já está aumentando, começou referir-se de forma respeitosa para o poder da oração em sua profissão, pois os estudos indicam que pode ser uma medicina potente. Para eles, ignorar o poder de rezar é como tirar importância a uma medicina nova ou de um

método cirúrgico.
O professor Matthews complementa que de duzentos e doze estudos que examinaram os efeitos de um compromisso religioso - incluída a oração – em doenças como baixa pressão arterial, depressão e ansiedade, cento e sessenta deles, ou setenta e cinco por cento, demonstraram o valor da fé.
Seus descobrimentos aparecem publicados em “O Fator da Fé”, uma coleção de informativos sobre suas investigações, publicada pelo Instituto Norte Americano para a Investigação do Cuidado Médico (NIHR). Este grupo privado trabalha em relação estreita com a Fundação John Templeton, estabelecida para pesquisar a relação entre a ciência e a religião. Os estudos variam em qualidade e escala. Mais ainda, a maioria se baseia em cristãos e judeus, e muito poucos, se interessam em culturas não ocidentais.
Não é fácil decidir em alguns casos, se os benefícios, em termo de saúde, registrados são efeitos da oração ou de outras condutas tomadas em conta, quais sejam ir à igreja ou à sinagoga, ler livros religiosos ou, simplesmente sentir-se próximo de Deus. Além disso, a maioria das religiões, promovem um estilo de vida sadio, que pode contribuir para aumentar conclusões positivas.
Estudos sugerem que a oração pode incrementar os níveis de sobrevivência, de acordo com o doutor David Larson, presidente de NIHR e sócio de Matthews nas investigações e descobertas científicas sobre a fé.
Um teste realizado pela Escola de Medicina de Dartmouth com duzentos e trinta e dois pacientes demonstrou que aqueles que disseram tirar forças e consolo da religião, eram três vezes mais propensos em continuarem vivos após seis meses depois de uma operação de coração aberto do que aqueles que não se apoiavam na fé.
Trinta e sete dos pacientes que fizeram parte de um estudo realizado pelo Doutor Thomas Oxman descobriram-se a si mesmos como muito religiosos.
O Dr. Larson afirma que: *“Ninguém morreu. O que faz a pessoa muito religiosa?: Reza!”*
É lógico que isto tem diferentes significados para diferentes pessoas: *“desde ‘O Pai Nosso’ a oração judaica ‘Shma Israel’ ou até o canto budista tibetano ‘Ommane Padme Hum’, rezar pode significar suplicar pela saúde, a uma força superior ou, simplesmente, estar quieto sabendo que Deus é Deus*”; diz a doutora Margarete Paloma, Socióloga da Universidade de Akron, em Ohio,

que estuda há muito tempo a forma como as pessoas rezam. Outros *experts* notaram que em muitas culturas as pessoas fazem algo similar a rezar, inclusive se não são religiosos. Um destes estudos foi feito pelo cardiologista norte-americano Randolph Byrd, da Universidade de California. O estudo prova que se bem a fé é um elemento essencial para que a própria oração seja respondida, não é necessária para beneficiar-se de seu efeito terapêutico, pois ainda que nós não oremos, outros podem fazê-lo por nós. Nem sempre adianta pedir a Deus por uma cura, e alguns pacientes não gostam da idéia de que a espiritualidade possa começar a infiltrar-se nos consultórios de seus médicos, como se fosse um vírus perigoso. Porque o que significaria isso? Que esse médico não tem os conhecimentos médicos suficientes ou confiança em si mesmo e pensa que é melhor deixar as coisas nas mãos do azar?

Trinta anos atrás, o Doutor Hebert Benson, Presidente do Instituto Médico Mente/Corpo de Boston e Professor da Faculdade de Medicina de Harvard, começou a estudar as pessoas que praticavam a meditação. Como fato típico, descobriu que, silenciosamente, repetem uma palavra ou frase chamada mantra, em sessões de vinte minutos, uma ou duas vezes por dia.

Quando algo exterior lhes perturba, essas pessoas, são ensinadas a voltar sua atenção ao mantra. Aqui se produz um desvio intencional da atenção, um aspecto muito comum da sugestão e da hipnose. Esta prática, que não está muito longe de uma técnica de auto-hipnose, parece transportar os meditadores a um estado de calma.

Tanto na meditação como na hipnose, a oração também implica repetir certas frases. Benson especula hoje, com que os seres humanos souberam sempre, talvez de forma instintiva, que lhes fazia bem adorar a um ser superior através da oração.

A importância da meditação

Uma das razões pelas quais parece que a oração melhora a saúde, pode ser, simplesmente que ajuda a pessoa à relaxar-se.

A meditação- e dizer orações que repetem palavras e frases- fazem surgir o

que Benson chama de “resposta relaxante”. Este estado demonstrou que pode reduzir saudavelmente a pressão arterial.
Algumas pessoas usam a resposta relaxante para aliviar dores crônicas. Os médicos ensinam este método para tratar a insônia, e a infertilidade quando é causada pelo estresse.
A resposta relaxante, não é a única explicação terrena do poder da oração. A investigação sociológica, assinalam os cépticos, demonstrou há muito que o simples fato de pertencer a um grupo, seja religioso ou de outra classe, pode ser bom para a sua saúde. Baseado nisto, não há razão para crer que um ser superior responda às nossas orações.
O novo modelo quântico-holográfico da física moderna, oferece um paradigma compreensivo, no qual tem lugar as chamadas curas milagrosas e qualquer outro fenômeno fora do comum. Porém, a maioria das pessoas, longe das cambalhotas da física moderna e ignorante da experimentação científica sobre o tema, não parece necessitar muito dessas provas para decidir-se a orar. Em certos momentos de suas vidas, acuados pela necessidade e o sofrimento, têm invocado a oração com convicção, sinceridade, fé e intuição natural, a ajuda da*quilo* que acreditam e tem visto cumprir-se essa lei fundamental da oração: **“Peçam e lhes darei!”** ***Sem ter que pagar nada! Por que não?***

“Se existir Deus, é certo que ele morre de rir quando

ouve dizer que o homem é feito à sua semelhança”

Millor Fernandes

4 Como se desenvolvem os processos mentais

Como funciona a mente

A mente funciona através de áreas cerebrais distintas, que são: **percepção, não-consciente** (que engloba: subconsciente, inconsciente, inconsciente coletivo, pré-consciente, etc. . aos efeitos de resumir e fazer uma divisão mais objetiva), **consciente e pré-motora.**

Zona A: Percepção

Através desta zona captamos as imagens e sensações que nos chegam do mundo exterior, por meio dos cinco sentidos. Esta zona está situada na região occipital.

Zona B: Não consciente (atividade automática)

É a mente subjetiva. Esta zona está integrada pelo tálamo, e hipotálamo que são pequenas glândulas situadas abaixo do corpo caloso, de onde partem e para onde vão parar infinidades de ramificações nervosas, destinadas às diversas áreas cerebrais. No seu interior está situado o centro da memória. Podemos dizer pois, que é um grande armazém de experiências e vivências compiladas ao longo de nossas vidas. No tálamo e hipotálamo se registram assim mesmo todos os nossos conhecimentos e, portanto, nossos impulsos básicos, sensações, instintos e hábitos. Tudo quanto sabemos e conhecemos da vida, fica registrado e arquivado em nosso subconsciente até o fim de nossa vida, pois nada se apaga nele. O material recebido vai se acumulando e nada é esquecido.
O subconsciente governa o sistema nervoso simpático, que tem sua sede na espinha dorsal e desta forma controla os órgãos e músculos involuntários e suas diversas funções no organismo, tais como: coração, fígado, pulmões, rins, intestinos, glândulas, etc. Em ocasiões de perigo assume um controle efetivo sobre os órgãos vitais, como por exemplo, em um colapso, acidente, etc. Assim, a pessoa pode permanecer em estado de coma profundo ou completamente anestesiado, ou ficarem imobilizadas em certas partes do corpo, apesar das quais, o organismo continua cumprindo as funções vitais, tais como respirar, etc., de uma forma totalmente automática, sem que aparentemente ninguém o dirija. É muito importante lembrar que o

subconsciente **induz**. Seus movimentos são involuntários e não dependem da consciência.

Zona C: Consciente - Mente Objetiva

Localiza-se na zona frontal e faz parte do córtex e sub-córtex cerebral. Sua função é a de ordenar, analisar e discernir toda a informação que recebe do subconsciente, e fazer com que se cumpram as ordens que lá chegam. O consciente é a mente objetiva, governa o sistema nervoso e tem sua base no cérebro. Governa os músculos voluntários e os sentidos (paladar, tato, audição, visão e olfato).
É a parte da mente que analisa, sintetiza, **deduz**, raciocina, etc. A memória do consciente é imperfeita e nula, porque esquece e não armazena informações.

Zona D: Pré-Motora

É a que recebe ordens do consciente e, ao estar conectada diretamente ao sistema motor, transmite as ordens ao sistema nervoso central, e este, por sua vez, aos diversos grupos musculares, para que, dessa forma, culmine no processo mental e a idéia se converta em ação por meio do efeito ideomotor.

Zona B1: Inconsciente

É uma pequena zona que estaria situada debaixo do subconsciente, na qual estão gravados todos os instintos primários do indivíduo (sexo, perpetuação, defesa, etc.), ou seja, todos os instintos elementares que acompanham o ser humano, desde sua origem selvagem, perdido na noite dos tempos. Estas gravações nunca chegam a ser conscientes com facilidade.
O cérebro humano funciona com dois tipos de energia diferentes que se complementam: a FÍSICA (ELÉTRICA) e a PSÍQUICA (QUÍMICA).
O cérebro está formado por células. A célula principal se chama neurônio.

Existem entre dez e doze bilhões de neurônios, que são considerados células nervosas, que estão localizadas no córtex cerebral (a parte mais nova do cérebro) e existem configurações no sub-córtex (o interior).
Um só de tais neurônios possui um número incalculável de ramificações. Para se ter uma idéia podemos dizer que um só neurônio está relacionado com outros dez mil neurônios.
A conexão dos neurônios se chama sinápse.
A sinápse se realiza através da liberação de substâncias químicas (neurotransmissores) e que vão gerando estímulos elétricos, chamadas de ondas cerebrais.
As ondas cerebrais são de diferentes intensidade, que se medem em ciclos por segundo.
Estas ondas, na atualidade são de cinco; das quais duas indicam estado de vigília e as outras três um estado por debaixo da vigília, que vai desde um leve sono até o coma.(ver desenho). **(INSERIR QUADRO PAG.47 DE AUTO HIPNOSE)**

Para mudar uma resposta temos que reprogramar esta forma de união desses neurônios. Isso se consegue modificando a intensidade das ondas cerebrais. Muitos medicamentos podem alterar o sistema neurotransmissor. Existem elementos eletrónicos (como jogos de luzes e sons) que chegam a mudar as ondas cerebrais. Há também outras técnicas mais naturais que acabam por modificarem tais ondas do cérebro. Ao mudar a intensidade se conseguem diferentes estados de consciência. Entre esses estados estão os chamados estados alterados de consciência, que são os que concentram o foco da atenção, deixando sensações que vão do êxtase contemplativo, até a excitação descontrolada.
Segundo o investigador Héctor González Ordi, professor de Psicologia Básica da Universidade Complutense de Madri, temos a seguinte explicação *“tradicionalmente, tem se definido um estado alterado de consciência como toda aquela experiência diferente à vigília. Mas esta curta definição já é antiga. Muitas vezes, atingir um estado alterado de consciência depende das expectativas que cada um tenha do fenômeno”.* E alguns estudos realizados com consumidores de drogas psicoativas reforçam esta opinião.
Sabe-se, por exemplo, que é possível sugestionar uma pessoa para que

experimente as sensações subjetivas próprias do consumo de *cannabis* ou LSD, ainda que na realidade esteja tomando um simples placebo.
Aqui está a chave do estudo dos estados alterados da consciência. Existe muita informação segundo a qual as drogas, a hipnose ou a meditação "levam" o sujeito a mundos superiores mais criativos, mas a evidência científica parece demonstrar o contrário. Não se tem achado variações nos padrões fisiológicos próprios destas práticas, e se tem demonstrado que seus efeitos subjetivos podem conseguir-se por meio de outras técnicas muito mais simples, como é o caso da sugestão.
O que acontece na realidade nos casos de estados alterados de consciência? Na realidade, se pode dizer que as excitações que se produzem no sistema nervoso central causam um estado especial de percepção quando a estimulação sensorial externa diminui.
Isso também acontece com o estado alterado de consciência mais estudado: o sono, sempre que os estímulos do redor descem de intensidade rapidamente, as pessoas experimentam distorções de percepção e alucinações. Esta redução dos estímulos pode-se conseguir por meio de muitas técnicas fisiológicas, psicológicas e farmacológicas.
Há inúmeros acontecimentos naturais e artificiais que podem modificar nossa experiência subjetiva. A mais famosa é o consumo de drogas, mas os investigadores usam outros truques para conseguir estes efeitos tão particulares. Por exemplo, a atividade física tem uma conhecida repercussão sobre nosso estado consciente, já seja por defeito (o relaxamento e a meditação), ou por excesso (as danças rituais que acabam com um suposto estado de transe ou os atletas de maratona que perdem a percepção do redor quando superam um certo nível de cansaço).
Também os estímulos externos têm resultados similares. Uma voz sugestiva, o som de um gongo, o movimento monótono de objetos ou a música podem nos transladar a um estado alterado de consciência.
Por último, há situações clínicas que ocasionam alguns destes estados. Entre elas a hipoglicemia, a febre ou a má nutrição, que são, as vezes, indutores de alucinações.
Como podemos ver, não há nada de misterioso nestas manifestações da mente sadia, simplesmente são modificações de nosso estado de atenção. O xamanismo, o transe religioso, as experiências próximas à morte, as

possessões e as visões místicas poderiam ser perfeitamente explicadas por estes mecanismos físicos e psíquicos.
Segundo González Ordi, *“um profissional da saúde pode induzir um estado alterado da consciência como terapia para certos transtornos, sobretudo para os relacionados com a ansiedade e o estresse. Mas é muito perigoso pretender atingir ditos estados por meio de drogas ou com práticas de sugestão não controladas”.* De fato não é estranha a aparição de certos episódios psicóticos e transtornos mentais graves relacionados com estas práticas, como o xamanismo, que agora fazem furor nos círculos esotéricos – no abuso de ervas e chás alucinógenos, que são usados com pretensões de encurtar o caminho para sabedoria e a expansão mental, e com “curas”, usando conhecimentos ancestrais.
Ao entrar nas ondas *alfa*, um pouco mais abaixo da *vigília,* entra-se num estado de consciência alterado de meditação, contemplação e abstração. Este estado segrega um hormônio chamado de *acetilcolina*, que produz uma sensação de relaxamento muscular. ***Isto se vê no tipo de auto-hipnose provocado nas religiões orientais, como o Yoga****.*
Quando se aumenta a intensidade de *beta*, que é o estado de *vigília* no qual você está agora, e as descargas elétricas se aceleram, passa as ondas *gamma*, um estado de consciência alterado, que provoca excitação, descontrole, e enquanto em *alfa* o corpo pode estar relaxado e tranqüilo, em *gamma*, o movimento é desordenado, com muito pouca coordenação. Este estado alterado faz que a mente segregue um outro hormônio chamado de *adrenalina*, que provoca uma sensação-reflexo de luta ou fuga. ***Este fenômeno se vê nas religiões pentecostais e nos rituais afro.***
As duas ondas *alfa e gamma*, produzem uma dissociação temporária, que provoca inibição cortical seletiva, e a atenção é desviada intencionalmente. Então vemos que, quando saímos da faixa de *beta*, tanto para cima (*gamma*) ou para abaixo (*alfa*) entramos num estado de consciência alterada.
Sabe-se que a oração profunda, algumas danças (do tipo *dervixe*) o jejum prolongado, o orgasmo, certas drogas, jogos de luzes (como nas danceterias, os aparelhos como os “mega brain“), a hipnose, a meditação transcendental, o yoga, etc., provocam variações nas ondas cerebrais.
Os instrumentos de percussão, também alteram a consciência, provocando

uma inibição cortical muito importante. Isto é demonstrado durante as festas de carnaval, onde se pula, se dança, num estado que vai além das forças físicas, causando muitas vezes até a morte. Na guerra se usa o tambor para ir marcando o passo, levando os soldados a um estado de alteração, onde a atenção é desviada diante da possibilidade do perigo. Os antigos barcos de remos, possuíam um tambor que marcava o ritmo, conseguindo que os remadores fizessem seu trabalho sem sentir tanto o cansaço, conseguindo também um estado de consciência alterada.

Existem duas formas de chegar a um estado de transe hipnótico: a *trofotrópica,* que é uma maneira alimentadora, maternal e a *ergotrófica*, que é mais autoritária, paternal. A primeira: tem efeito sedativo, acalma. A segunda: excita, levando às vezes a um estado de estupor.

Em qualquer das duas maneiras se produzem modificações fisiológicas, como de respiração, alterações cardíacas, de pressão arterial, alterações hepáticas e hormonais, aumento ou diminuição do umbral da dor (analgesia ou hiperestesia), perturbações musculares; e alterações psicológicas, tais como alucinações e ilusões sensoriais (de tato, gosto, olfato, visual e auditiva).

Quando uma criança, se machuca, e chega chorando até sua mãe, esta simplesmente, a acaricia, fala suavemente e beija meigamente no lugar da lesão, é o suficiente para produzir a liberação de substâncias, chamadas *endorfinas*, que alcançam um potencial analgésico muito superior ao da morfina. Esta substância está naturalmente em nosso cérebro e é liberada no estado de choque emocional. O toque carinhoso e o beijo “mágico” foram determinantes e a dor da criança “desapareceu”, por amor.

Quando essa mesma criança, chega machucada, chorando até seu pai e este lhe acena com o dedo indicador, usando um tom de voz grave, dizendo, *“os homens não choram!”,* automaticamente a *endorfina*, liberada pelo medo, entra na corrente sangüínea, e produz um estado de analgesia. O efeito final é o mesmo, conseguindo chegar até a hipnose por dois caminhos bem diferentes: **o do amor e o do temor**.

Em certos cultos ou ritos religiosos, se observarmos, vemos que se usam os dois métodos, o autoritário e o maternal.

O padre na sua igreja com o silêncio, as luzes tênues e dirigidas, o som grave do órgão, e as pregações com voz pausada e de ritmo modulado, está

usando o método maternal. Ao igual que o budista ou o iogui que entram em êxtase pela contemplação intensa, –ou concentração exagerada que leva a uma hipnose- conseguindo um estado de meditação profunda. Nestes dois casos se atinge a faixa das ondas *alfa.*

Nos rituais afro-brasileiras se usa muito a percussão, os movimentos convulsivos do corpo, cenas fortes com sangue e animais. Isto produz um estado de excitação, provocando um transe similar, para não dizer igual, ao transe hipnótico.

Em certos templos de modalidade evangélica, os pastores começam suas orações e pregações com um ritmo monótono, subindo de tom, falando permanentemente, "bombardeando" com palavras, exaltações, para a platéia, repetindo cada certo tempo reforçando, palavras que servem de apoio, estimulam e excitam como a mágica "aleluia" . Ao sentir-se cansado este pastor, outro o substitui, e o bombardeio continua.

De novo se produz a dissociação temporária, desvia-se a atenção e provoca-se uma inibição cortical. Novamente aparece o transe hipnótico, onde foi usado o método autoritário ou paternal, atingindo em ambos casos a faixa das ondas *gamma.*

É importante esclarecer que o transe hipnótico se produz mais fácil e rapidamente por imitação. Isto explica a hipnose de massas, por contagio psíquico.

Não devemos esquecer que no transe hipnótico atingimos a parte "não-consciente" do cérebro, esta zona simplesmente induz. A parte crítica do consciente, que é quem deduz, está censurada, adormecida. Já veremos, no capítulo seguinte, que esta censura se consegue com estímulos sensoriais e com sugestões.

“Quando o homem quer matar um tigre, chamamos isso de esporte. Quando o tigre quer matar um homem, chamamos isso de ferocidade”.

Bernard Shaw

5 Fenômenos da sugestão e

hipnose

Tipos de sugestão

A sugestão pode definir-se como a aceitação de uma idéia sem analise crítico prévio. Este é o processo pelo qual as impressões sensoriais são transportadas intencionalmente para obter respostas psicológicas modificadas. Pode-se identificar a sugestão com a hipnose quando a primeira é acompanhada de um “desvio intencional da atenção”. Temos que diferenciar a aceitação das idéias por sugestão, da persuasão lógica.
As sugestões provem aos centros superiores de uma corrente de dados sensoriais de informação. Todas as vias de ingresso das impressões sensoriais estão recebendo informações de forma permanente. As mesmas são comunicações de origem ***verbal, não-verbal, intra-verbal, ou extra-verbal.*** Esta comunicação se faz através dos cinco sentidos, e de outras fontes, como são as sensações termoalgésicas, cenestésicas, de contato, etc.
As ***verbais***, que incluem as pré-verbais, estão referidas à comunicação por sons e palavras.
As ***não-verbais***, referem-se aos gestos, expressões e a comunicação orgânica.
As ***intra-verbais*** são aquelas que chegam pela modulação da voz. Ênfase, timbre, tom, volume, etc.
As ***extra-verbais*** são as concernentes a tudo o que está implícito nas palavras ou frases, que levam a reduzir a atitude crítica. As sugestões vão acompanhadas de um movimento sugestivo da ação solicitada, o que aprofunda mais essas sugestões.
Assim, vemos que a percepção, a sugestibilidade, e a resposta, são facilitadas se usarmos o sistema dos movimentos, a inflexão da voz e o significado implícito dos termos empregados.

A natureza da sugestibilidade hipnótica

Quase todas as pessoas *acreditam* que as suas respostas são provocadas pelo hipnólogo. Na realidade, é o sujeito que inicia as ações de forma involuntária, em resposta ao condicionamento que experimentou previamente. Quando a faculdade crítica é reduzida como conseqüência de um desvio da atenção provocada pelo hipnólogo, a ação sugerida se faz de forma automática, sem a participação inteligente ou de processos lógicos do indivíduo na resposta. Quando se aceita uma sugestão após de outra, podem-se aceitar outras mais difíceis se tem-se a preocupação de iniciar um espiral ascendente de aceitação das sugestões oferecidas. Este processo é conhecido como “condicionamento abstrato” e ajuda a explicar em parte o papel que desempenha a sugestibilidade na produção dos fenômenos hipnóticos (segundo W. Kroger).

A sugestibilidade pode ser exagerada e aumentada se há uma atitude favorável ou uma disposição mental adequada que estabeleça a motivação indicada. A maior proporção deste fenômeno, vem da qualidade da relação estabelecida entre o sujeito e o operador. Esta relação é conhecida como: o *rapport.* Se há definido como *rapport* a toda inter-relação harmônica entre dois indivíduos. Na hipnose, é o resultado da atenção restringida a um ou todos os estímulos no campo da consciência (M.Erickson). É uma inter-relação especial, na qual as sugestões do operador são aceitas mais facilmente, pela credibilidade e a confiança depositadas nele.

Quanto mais concentra-se a atenção nas palavras do operador, o sujeito responde de maneira exata e especifica às sugestões, em especial se estas estão de acordo com seus desejos e necessidades. O grau de sugestibilidade hipnótica depende da motivação prévia e porém pode variar de pessoa a pessoa e ainda na mesma pessoa, quando as suas necessidades variam. Esta variante na sugestibilidade é determinado pela maneira como o indivíduo reagiu às sugestões oferecidas anteriormente por outros operadores, pela estruturação ou o momento escolhidos, pelo prestigio pessoal da pessoa que oferece a sugestão, e pela maneira em que são interpretadas as sugestões oferecidas. Uma pessoa pode ser altamente suscetível às sugestões com referência a sua saúde física, e não aceitar as sugestões de índole comercial, porque suas faculdades críticas aparecem. Porém, a mesma pessoa pode ser muito sugestionável à persuasão religiosa

ou política, em especial se as exortações recebidas concordam com seu sistema de valores e cultura geral.

A natureza da hipnose

Se tem dito que a hipnose é uma condição de alistamento emocional no qual pode induzir-se alterações na faculdade da percepção. O Dr. F.L. Marcuse, em seu livro: "Hipnose, fatos e ficção*",* tem outro parecer onde a qualifica como *"um estado alterado do organismo, produzido originalmente e nas sucessivas ocasiões pela repetição de estímulos nos quais a sugestão é mais ativa que o normal".* Esta definição é mais descritiva que explicitaria. Já A.M. Weitzenhoffer, a descreve em "Hipnotismo*:* um estudo objetivo na sugestibilidade*"*, como *"uma dissociação do consciente dos eventos sensoriais e estritamente nervosos que estão desenvolvendo-se nesse instante" .* A dissociação não é somente uma caraterística da hipnose, senão também de outros estados alterados da realidade, como os sonhos, estados hipnagógicos, "miragens", vivências, a despersonalização observada em muitas cerimônias e rituais religiosos e outros fenômenos mentais (segundo estudos feitos por L.J. West em seu livro "Psicofisiologia da hipnose").
Nossa experiência indica que a motivação adequada induz uma atitude ou disposição mental favorável para a prática da hipnose; e B. Gindes, em seu livro "Novos conceitos da hipnose", afirma que *"a hipnose se produz sobre a base de um desvio intencional da atenção, por parte do operador, da atenção, a credibilidade e a expetativa, todas elas catalisadas pela imaginação".*
Na prática, a hipnose é o resultado de uma reestruturação das relações entre percepções e objetos, ou seja uma reorganização do que o sujeito aceita como realidade. As dimensões da realidade, quando esta é alterada, dependem do jogo recíproco das forças psicofisiológicas entre o sujeito e o hipnólogo. Chegamos a uma conclusão que, quando uma sugestão é repetida de maneira reiterada, leva a um reflexo condicionado que à sua vez depende de associações de processos corticais feitos previamente. Os efeitos dos reflexos condicionados tem muito em comum com o condicionamento hipnótico (T. Barber: "O bom sujeito hipnótico").
O condicionamento pela sugestão e/ou a hipnose se tem disfarçado com

técnicas “curadoras” desde épocas remotas e seu principio está baseado no desvio intencional da atenção. A sugestão por desvio intencional da atenção é o motivo de sucesso de muitos tipos de “terapias”. Um dos ingredientes mais importantes da sugestibilidade hipnótica é esperar ajuda de alguém que está numa posição importante e prestigiosa. Se o sujeito está convicto de que as expressões desse “alguém” são verdadeiras, *comporta-se de outra maneira*, porque *pensa e acredita de outra maneira.* Desde sempre toda cura pela sugestão e pela hipnose há tido sua base neste mecanismo. Se aceitamos a idéia de que a sugestibilidade aumentada é produto de uma atitude mental favorável, catalisada pela imaginação, compreenderemos que as respostas hipnóticas caem dentro dos fenômenos da convicção, estos são o resultado de mecanismos *subjetivos presentes* que estão, de alguma maneira, em todos os indivíduos. A somatória destes mecanismos, leva à atividade da imaginação do sujeito subindo pela espiral ascendente da crença até chegar à convicção.
Em seu tratado, “Hipnose clínica e experimental”, W. Kroger sinala que, *”um grau interessante da sugestão é ilustrado pelos estudantes de medicina que, devido a sua própria imaginação, desenvolvem as sinais e sintomas de muitas das doenças estudadas. O papel da imaginação na produção de sintomas psicológicos é admitido por todos e resulta razoável supor que as conseqüências dos processos da imaginação podem ser revertidos pelo mesmo método. Assim podemos afirmar que a convicção de achar-se doente conduz ã doença e que a* ***convicção da cura leva à cura****”.*

As impressões sensoriais recebidas subliminarmente podem ser reproduzidas. O estímulo repetido de qualquer dos receptores sensoriais é capaz de induzir um estado de receptividade maior à sugestão. Por isso, se o estímulo tem a duração necessária vai obter-se eventualmente a resposta desejada.

Sejamos ou não conscientes, nós somos permanentemente bombardeados com sugestões. Como a fronteira que separa a hipnose da sugestibilidade é muito tênue e difusa, não sabemos onde começa uma e onde termina a outra. Assim fica mais fácil de supor que as sugestões que levam à hipnose, fazem parte de nosso dia a dia.

Há estados que não chegam a ser hipnóticos, que são induzidos sem

usar as técnicas normais de hipnose, estes estados são chamados de “hipnoideos”. Quando a atenção é fixada, um estímulo monótono pode levar a um grau de dissociação, capaz de produzir um efeito hipnoideo. Por exemplo: quando fixa-se a atenção na faixa branca da estrada ou no movimento do limpa-parabrisas, produz um efeito de fadiga no motorista que pode levar ao sono. O nível de atenção flutua até outros estados mais profundos de abstração. Assim, no momento que a capacidade critica diminui, acontece um aumento da sugestibilidade.

Nossa vida está cheia de contatos hipnoideos, que são conhecidos pela psicologia como “hipnose em estado de vigília”. Isto acontece na publicidade, na propaganda comercial e quando os bons atores e oradores, aumentam a tensão da atenção e nossa sugestibilidade é estimulada. Quando presenciamos alguma coisa interessante nossa atenção é focalizada e entramos num estado hipnoideo. E enquanto mais nos adentramos nesse estado, registram-se diferentes graus de emoção. *Da irrealidade fabrica-se a realidade.* Quando se prescinde do pensamento realista aparece a hipnose em estado de vigília, que em muitos casos é o resultado de experiências inespecificas. (W. Kroger “Fenômenos da sugestão e hipnose”).

A sugestão em grupo, hipnose em massa, projeções com técnicas subliminares, lavagem cerebral, campanhas publicitárias e evangelísticas, que levam a alterações do comportamento, são o produto de técnicas hipnóticas inespecificas. Tem vezes que, um conhecimento dos aspectos inaparentes da sugestão aplicada cientificamente –hipnose- tem profunda importância para uma compreensão mais adequada de todas as respostas e funcionamentos da mente.

Hipnose em massa

É relativamente simples estabelecer uma sugestão geral ou hipnose coletiva em um grupo de sujeitos. Os motivos para isso são uma “epidemia psíquica”, que se verifica com os outros membros do grupo; as pessoas se identificam com o que vem. Aparecem a competitividade inerente a todos e um intenso desejo de agradar ao chefe do grupo (figura paterna).

Como analisamos no capítulo 2, deste livro: uma boa “posta em cena” produz uma atitude mental favorável e é altamente motivadora para o resto do grupo.

Leis da sugestão

Segundo o estudo feito por L. Davis e R. Husband, no livro “Um estudo da suscetibilidade hipnótica com relação aos caracteres da personalidade”, existem algumas “leis” importantes que devem ter-se em conta quando se utilize a indução hipnótica. Estas leis, quando aplicadas por conhecedores do fenômeno hipnótico, facilitam a instalação das sugestões em forma individual ou coletiva

Lei da concentração da atenção: sempre que concentra-se de maneira reiterada a atenção numa idéia, a tendência é que a mesma se realize espontaneamente. Em muitos casos, se o operador for experiente, se capta a atenção do sujeito sem que o mesmo saiba, utilizando os efeitos subliminares. Esta técnica é mais efetiva que a de persuasão, porque provoca a redução da faculdade crítica (veja o capítulo 6).

Lei do efeito invertido: na segunda lei vemos que, quanto mais empenha-se em efetuar uma labor determinada, mais difícil fica obter o sucesso na mesma. Ao por em jogo a vontade contra a imaginação, ganha sempre a imaginação. Os hábitos e vícios obedecem melhor à imaginação que a vontade. Para ter maior e melhor resultado devem-se usar todos os princípios inclusos nesta lei do efeito invertido.

É difícil negar os efeitos da imaginação, que compreende todas as associações, sentimentos e idéias que tem passado pela mente do indivíduo. O fato de ter uma idéia referente a uma ação determinada resulta geralmente nessa ação, isto *acontece pela expectativa e a crença de que se realizaram.* Para obter-se mudanças desejadas, o organismo vai responder mais facilmente e melhor às manipulações persuasivas das experiências vividas anteriormente pelo sujeito por meio de sua própria imaginação. Estimulando a imaginação é muito mais provável que se atinja o efeito desejado.

Lei do efeito dominante: esta lei tem um papel importante ao permitir que as sugestões sejam aceitas de maneira mais significativa. A base está no axioma de que: uma emoção intensa vai a substituir a uma de pequena

intensidade. Se somamos um conteúdo emocional intenso a uma sugestão, isto a faz bem mais efetiva. Sabendo usar esta lei, emprega-se um efeito fisiológico intenso para reforçar uma sugestão psicológica. Aqui entram os toques e os “passes” que vão a aumentar a intensidade da sugestão. Também estão os “possuídos”, que impressionam, assustando aos mansos e tranqüilos crentes que oram no templo, com suas manifestações demoníacas; e os gritos repetidos de *aleluia!* que excitam ou a reiteração dos “mantrans sagrados” que levam a um estado de contemplação. Seguindo esta lei, as sugestões dominantes devem instalar-se, por parte dos pregadores, com um estilo maternal (alimentador) ou paternal (autoritário), de acordo com as necessidades emocionais do sujeito, da situação ou com a “passagem sagrada” lida nesse momento.

“A metafísica é a arte de procurar numa sala escura um gato preto que está em outro local”
Maurice Maeterlinck

“A fraude vem sempre acompanhada de exagero”
Willy Durant

6 O obscuro poder da sedução

Há um filme americano, que traduzido seu título para nosso idioma, recebeu o nome, que também é um trocadilho de palavras, de: “Fé demais não cheira bem”, que relata todo o “circo” que se monta em volta de um pastor histriônico. Os detalhes vãos desde o cenário, com jogos de luzes e uma cruz iluminada (não se esqueça que a hipnose entra fortemente de forma periférica, porque assim não existe a censura do consciente), um coro de cânticos religiosos com ritmo excitante, roupas que ao virá-las do avesso, estão cheias de espelhos, que se iluminam e brilham, bombas de fumaça, movimento permanente sobre o cenário, agitando e excitando um lado e o outro.

Tudo isto se completava com um jogo de equipe, no qual os ajudantes do templo (uma lona de circo, montada em pouco tempo, bem distribuída e confortável), iam colocando as pessoas que chegavam para escutar as conversas delas, inteirando-se muitas vezes, qual era o motivo que as levava, e que tipo de ajuda estavam necessitando. Esta informação era passada, por microfones embutidos a uma central que possuía uma rede informatizada, que apontava na tela as pessoas e suas necessidades.

Ao entrar em “cena”, o pastor recebia esta informação, também transmitida por fones especiais ou com indicações diretas.

O pastor ficava assim sabendo de muitas informações, que depois a repassava às pessoas presentes ao ritual, como se fosse uma comunicação divina.

O público ficava estarrecido pelo impacto (primeira condição da hipnose). Isto produz uma sugestão por desvio intencional da atenção, eis aqui o motivo de sucesso de muitas “terapias”. É um fato bem conhecido do leitor a assertiva de que se você acrescenta uma pitada de verdade a uma afirmação totalmente injustificada, toda a suposição resulta lógica. Apoiando

uma pirâmide invertida em um grão de areia. O pastor estava sabedor das necessidades de cada um deles sem conhecer-lhes, isto é *prova plena* de que alguma coisa misteriosa aconteceu. O fato do pastor saber e dizer, sem ter tido contato prévio, o que eles desejavam escutar é o desvio intencional da atenção.

Igualmente, em todos os casos que um paciente com problemas psicogénicos desenvolve uma atitude mental com respeito a uma forma particular de terapia, na qual acredita que ajude a curar-lhe, é auxiliado *não* pela forma terapêutica se não *pela sua convicção interna ou fé em que será ajudado.*

Os resultados serão melhores se o personagem que faz as curas tem certa reputação como “curador” ou se este conta com o apoio da mídia. Nestes casos, o desvio intencional da atenção sob a forma de uma “comunicação divina” produz a atitude mental favorável, tão essencial no melhoramento das perspectivas de cura do sujeito(veja os capítulos 2 e 5).

Dentro do campo religioso, é mais impactante para a platéia, o “uso”, às vezes indiscriminado, por parte dos pastores, padres, xamâs, bruxos, e líderes religiosos, da presença do demônio que de Deus.

O efeito que produz no público uma pessoa possuída pelo demônio, apresentando convulsões, agitações psicomotrizes, olhares extraviados, posturas esquisitas, gritos e expressões em outras “línguas”, marcas e sinais na pele e segregações de líquidos, é muito mais forte que outra pessoa rezando calmamente e em paz interior.

Para a psiquiatria atual, e a nova teologia, a chamada “possessão” não é outra coisa senão que a sintomatologia da chamada “neurose epileptoide pseudopossessiva”, uma forma mais dos quadros histéricos, mas seria necessário clarificar que essa doença vai acompanhada às vezes por presumidos fenômenos parapsicológicos.

A apresentação em cena de um exorcismo rende mais ingressos que o fato de uma boa oração.

Esta arma do impacto é a que usam todos os bons hipnotizadores de palco. Depois do impacto inicial, o consciente é reduzido e as sugestões entram sem censura. A emoção vai sempre prevalecer sobre a razão.

O professor Fassman, espanhol, foi um dos mais talentosos, criativos e conceituados hipnólogos de palco deste século.

O citado professor ditou cursos de hipnose para muitas pessoas. Um dos alunos, o Dr. Alfonso Caycedo, colombiano, radicado na Espanha, adaptou os ensinamentos de hipnose de Fassman e criou a Escola de Sofrologia, uma técnica semelhante a da hipnose e que é utilizada nas áreas da saúde e esportiva.
O professor Fassman, em suas apresentações, quando pedia voluntários que subissem ao palco e estes se aproximavam, ele logo olhava a um deles e lhe dizia, com voz imperativa : *"Você não! Não é sensível volte ao seu lugar!"* Este fato fazia com que os outros que estavam subindo sentissem um impacto, "existiam características visíveis de sensibilidade" e eles eram muito sensíveis, já que Fassman não os descartou. Aqui aumentava-se ao máximo a expectativa. Quando Fassman, começava seu show de palco conseguia pôr em estado de transe seus voluntários em segundos, somente com um "toque".
Por isso é importante ver que em quase todos os rituais religiosos, aparece o impacto e a expectativa. Quanto mais impressionável a platéia, mais rápido e melhor é o transe. Ai está a necessidade da "*misse en scène* ".
"A maior excitação, maior inibição", segundo a teoria reflexológica de Pavlov.
Os resultados estão diretamente ligados com a impressionabilidade do público, o qual se transforma como parte da cena.
A hipnose entra perifericamente, de forma indireta. Um quadro, um gesto, uma atitude, uma cor, uma música especial, etc., fazem parte da cena necessária para colocar a pessoas em transe hipnótico através dos estímulos sensoriais fortes ou fracos.
Existem programas religiosos de televisão, que usam o sistema periférico para desviar a atenção. O diretor do programa, sempre um líder religioso, ou um pastor, se coloca no meio a baixo de um quadro que imita um caminho que conduz para "cima", um "caminho iluminado". Isto na linguagem hipnótica se traduz como: "*de mim, sai o caminho que conduz para a luz e para o céu. Sigam-me!"*
Pode ser que, como algumas pessoas dizem, a sociedade esteja entrando na era do consumidor consciente: mas a publicidade (que também usa técnicas da hipnose e sugestão, como as leis do efeito dominante, do efeito invertido e de fixação da atenção) continua utilizando seus mil e um truques

–alguns, já antigos; outros adequadamente remoçados- para manipular os desprevenidos cidadãos.

Nossa vida do dia a dia está submetida a um constante “bombardeio” de mensagens ocultos e subliminares.

Este tipo de publicidade, chamada subliminar, que não se vê e nem se escuta, mas entra diretamente no cérebro por um mecanismo neurológico, a um nível mais baixo que o liminar, uma faixa mais abaixo do consciente.

No caso de publicidade visual, um filme tem que ter mais ou menos, uns 24 fotogramas por segundos, para conseguir o movimento diante dos olhos. Se for tirado um destes fotogramas e intercalada outra coisa, por exemplo: a publicidade de um refresco e isso se repete durante todo o tempo que dure a exposição. Esta publicidade fica impressa no cérebro como uma decisão própria, interna, porque não se viu entrar a mensagem do exterior.

Em técnicas semelhantes usadas na publicidade auditiva, se intercalam sons não audíveis para o ouvido humano, mas sim captáveis pelos sensores cerebrais, junto a sugestões onde se exclui, da estrutura da frase, qualquer palavra que não seja verbos ou substantivos, e se repetem até ficar instaladas no cérebro da pessoa. Esta publicidade é considerada perigosa, porque faz com que as pessoas mudem seus comportamentos e até suas decisões, portanto seu uso foi proibido.

Pergunto-me: existe quem fiscalize o “não uso” desta publicidade que “não se vê” ”nem se escuta”? Como é feita esta fiscalização?

Esta suposta “consciência” do consumidor material ou espiritual, deveria começar para que fosse capaz de decifrar estas armadilhas... e de evitá-las.

Existe dentro da comunicação, uma outra disciplina denominada semiologia. A semiologia é a ciência que ensina a olhar debaixo da superfície das coisas para descobrir seus símbolos inconscientes. O fato de poder examinar com olho crítico as mensagens que nos bombardeiam no dia a dia não somente nos irá a revelar os mitos culturais mais profundos e os convencionalismos sociais com os quais vivemos, mas que também poderemos evitar que nos vendam “gato por lebre”.

A semiologia resulta muito útil quando é usada nas mensagens que tentam manipular as nossas atitudes. Porque os processos de decisão, já sejam de compra ou de aceitação, das pessoas, estão submetidos às influências mais díspares.

A psicologia aplicada ou dirigida ao mercado de consumo não deixa de pesquisar neste sentido, para assim poder usar qualquer caminho que possa chegar até a mente humana com o objetivo de poder seduzi-la.
As grandes agências de publicidade recorrem a todos os métodos científicos para controlar as reações que as pessoas tem na frente de suas mensagens. Medem o ritmo cardíaco, a dilatação das pupilas, as respostas psicogalvânicas, as ondas cerebrais e até se o consumidor responde melhor ante o impacto *racional/verbal* ou o *emocional/visual*.
O que realmente importa é despertar o seu interesse! Assim, os métodos científicos, as técnicas da comunicação e a própria psicologia da conduta, permitem cada vez mais, intervir na vida das pessoas –sem que estas estejam muito conscientes disso- e possam manipular suas decisões.
Assim é conveniente ter os "olhos bem abertos" e os sentidos controlados para evitar tão negativas influências ou, pelo menos, rejeitá-las na medida do possível.
Lamentavelmente, muitas pessoas crêem estar livres da lavagem cerebral, porque se consideram espertas. Ou porque não permitem que ninguém lhes aplique o "xampu" na cabeça.
*Na realidade**, quem não acredita na possibilidade de ser manipulado, tem uma mente tão estreita que pode ver através do buraco da fechadura com os dois olhos ao mesmo tempo!***
As maiorias das pessoas escutam diariamente música que elas mesmas escolhem, de acordo com seu gosto ou estados de ânimo. Mas fora de sua casa também escutam música, programada para manipular seus sentimentos e conduta.
A música, bem selecionada, pode fazer o indivíduo dançar ao ritmo que outros desejam. Pode manipular e incentivar o desejo de velocidade de um motorista ou reduzi-lo; ou aumentar o ritmo de produtividade de um trabalhador.
O problema para alguns restaurantes é, por exemplo, encontrar fórmulas que induzam os clientes a entrarem e saírem o mais rapidamente possível, sem transmitir-lhes essa sensação de pressa assim, usam de expediente onde o garçom passa mudando a toalha enquanto estamos saboreando a sobremesa, ou simplesmente limpando a mesa, onde nossa mente evidentemente registra que é tempo de ir embora, sentindo o bafo na nuca

dos comensais que esperam ansiosos ocupar a nossa mesa. Com música instrumental rápida, a mordida é mais rápida, mastiga-se menos e... deixa-se antes a mesa livre!
Pode-se programar a música em função da necessidade que estabeleça o número de clientes na espera e o número de mesas disponíveis. Até pode-se conseguir que as pessoas peçam alguma coisa sem olhar para o preço!
Já deve ter acontecido com você de ficar surpreso com a elevada soma que tem a pagar na compra que realizou no supermercado?
Estes estabelecimentos procuram o efeito contrário dos restaurantes. A música suave e lenta convida ao cliente que acompanhe seus passos com o ritmo dela. O vagaroso passeio induz à observação mais detalhada dos produtos e, por isso, comprar mais produtos do que tinha previsto.
Os publicitários sabem que uma música de fundo bem escolhida aumenta as vendas até em quarenta por cento. E essa música suave ouve-se sem escutar-se.
Tem-se solicitado a muitos compradores que tentem lembrar-se que música tocava, quando realizavam a compra. Não sabem nem se lembram! Só acordam quando escutam na voz da moça da caixa, falando a quantia exorbitante que gastaram na compra.
O mais grave da manipulação publicitária é que a pessoa influída tem a sensação de que poderia ter decidido livremente sua ação. Isto provoca muitos danos e até pode considerar quase um delito quando a publicidade se serve das técnicas subliminares, que aqui tratamos. Esta mensagem entra no inconsciente sem que o preceptor possa ter nenhum tipo de controle. No mercado estão em oferta fitas cassetes com este método e com duvidosa garantia: asseguram emagrecer, aumentar a memória, melhorar a auto-imagem, deixar de fumar, controlar a tensão, as emoções, a saúde, o dinheiro e o amor.
Tanta promessa de felicidade só pode despertar suspeita de novas manipulações.
Já vimos que se tem falado muito neste tempo do início de uma “nova era”, a era do “consumidor consciente” (entenda-se aqui por consumidor, toda aquela pessoa que adquire alguma coisa em troca de dinheiro, até o fato de estar dando o dízimo, estaria o mesmo adquirindo a cambio a paz e o conforto para seus males). Para isso é necessário divulgar ciências como a

semiologia, que estuda os significados independentemente de seu conteúdo. Por seu caráter, concorre com a sabedoria popular e a sua “leitura dupla” faz da semiologia uma arma analítica muito proveitosa. Não somente para decifrar o *obscuro poder da sedução*, arma usada nas “ofertas” com que somos bombardeados, bem como também para interpretar atitudes sociais que nos rodeiam no nosso dia a dia.

Você, leitor, pode aceitar ou rejeitar a análise semiótica, mas questionando as mensagens que recebe pode chegar a desautorizar a idéia de Bierce: ***“O cérebro é um aparelho com o qual pensamos que pensamos!”***

“As religiões são fundadas no medo de muitos, e na esperteza de poucos”

Stendhal

7 Seitas e religiões

Parece que ninguém está de acordo na hora de definir a palavra “seita”. Assim em seu conceito mais puro, esse termo não contém nenhuma carga pejorativa. Simplesmente se refere a grupos cindidos e excluídos de um outro maior. Neste sentido se diz que todas as religiões começaram como uma seita.

A definição tradicional de uma seita refere-se a *“toda associação ou tendência comum que têm como objetivo suscitar uma sociedade humana nova e que seus métodos ou crenças mantenham-se ocultos, escondidos a todos os estranhos da seita”.*

Os sociólogos cunhavam o termo “seita destrutiva” para aqueles grupos religiosos, esotéricos ou pseudofilosóficos que reúnem uma série de características. Entre elas está a organização piramidal, a submissão ao líder, a anulação da crítica interna, a instrumentalização dos adeptos e a ausência de qualquer tipo de controle externo.

Mais recentemente, os *experts* preferem falar de “novos movimentos religiosos”, e no mundo anglo-saxão se utiliza o termo “culto“.

Segundo estes *experts*, o número de pessoas que integram a seita não está diretamente relacionado com a sua periculosidade. Pelo contrário, as mais perigosas são as novas seitas nascidas ao redor de um líder carismático e

paranóico. Algumas delas apenas têm uma dúzia de pessoas, mas seu efeito destrutivo é maior que o das grandes seitas. Estes tipos de organização aparecem e desaparecem com grande facilidade e às vezes são muito difíceis de detectar.

Charles Manson, que em 1968, assassinou a atriz Sharon Tate e outras quatro pessoas em nome *"da guerra do fim do mundo",* dizia que se durante uma semana, ele repetisse a qualquer sujeito uma informação, sem receber mais nada do exterior, modificaria totalmente o comportamento desse sujeito, obedecendo-o exclusivamente, ou seja, produziria uma anulação do crítico interno eliminando qualquer racionamento lógico.

Outro caso, mas com conseqüências mais devastadoras, se viu em novembro 1978 quando se suicidaram mais de novecentos vinte membros do Templo do Povo em Jonestown, Guiana, América do Sul, seguindo ordem de seu líder o reverendo Jim Jones. Suicidaram-se tomando cianureto de potássio misturado com uma bebida doce e espumante.

Aqui foi anulado um dos instintos mais poderosos do homem: o reflexo incondicional de conservação da espécie, já que famílias inteiras suicidaram-se.

Em 1993, o até então pacífico líder religioso David Koresh, provocou a matança de oitenta e sete pessoas, entre uma batalha da polícia e a "seita dos davidianos", numa fazenda de Waco, Texas, nos Estados Unidos.

Em 1994, em várias casas da Suíça e do Canadá se suicidaram cinqüenta membros da "Ordem do Templo do Sol", por crer que se aproximava o apocalipse.

Em 1995, Shoko Asahara, líder religioso da denominada "Verdade Suprema", mandou utilizar o gás Sarim, no subterrâneo de várias cidades japonesas, matando doze pessoas e intoxicando a mais de cinco mil usuários.

Como se pode explicar que essas pessoas foram induzidas a desprezar seu instinto de autopreservação, perpetrando a própria morte e as de outras pessoas sob ordens de psicopatas?

A entrada de uma pessoa em um grupo com características sectárias, pode-se detectar porque o indivíduo se isola e entra em conflito com seu meio. Eles são os únicos que têm a verdade suprema ou a verdade revelada, segundo seu líder, e de alguma maneira isto produz um isolamento rápido do

grupo familiar, do grupo de amigos, de seu *habitat* para passar a defender sua “nova família”.
Segundo os especialistas, o afastamento familiar, a rejeição de valores anteriores, os códigos de vestimenta, o uso de determinados distintivos, o compromisso financeiro e, às vezes também a privação do sono e a mudança de dieta, onde se eliminam todas as proteínas animais, para baixar a capacidade do funcionamento dos neurônios -habituados a este tipo de alimentação-, costumam ser as técnicas empregadas por determinadas seitas, como já se falou no capítulo 1 deste livro.
No norte da Europa, e numa determinada época do ano, colônias de um tipo de roedores suicidam-se em massa, jogando-se ao mar desde os alcantilados sem que até agora nenhum biólogo conseguisse esclarecer o motivo ou a razão que os leva a cometer esse auto-extermínio. Há pesquisadores que opinam que muitas das histerias em massa são, os resquícios de um instinto coletivo similar, o vestígio de um dispositivo evolucionário que faz a vontade do grupo triunfar sobre a vontade individual.
Na época em que o Império Romano dominava ao povo judeu, no atual território de Israel, num local conhecido com o nome de Massada, todos os habitantes desse lugar, famílias e pessoas comuns, suicidaram-se em massa por ordens de seus chefes políticos, militares e religiosos para não se entregarem, quando se sentiram rodeados pelo exército romano.
Gustave le Bon, autor de *The Crowd* , afirma que, em multidões, o controle intelectual torna-se mais fraco, enquanto os instintos, paixões e sentimentos se fortalecem. Isto porque muitas pessoas assumem em grupo atitudes que nunca assumiriam individualmente. Esse tipo de comportamento poderia oferecer, pelo menos em certa medida, uma explicação para as chamadas epidemias psíquicas.
Não estamos combatendo nem proibindo nenhum grupo em especial, porque amanhã nasce outro. O que queremos é informar, dar uma boa informação às pessoas para que depois façam seu próprio discernimento.
Aqui não *se* pretende discutir os dogmas nos quais se fundam os grupos analisados, apenas denunciar os métodos capazes de conduzir a uma servidão, a um engano ou a uma despersonalização do indivíduo.

As diferentes seitas

Vamos dividi-las em três grupos, segundo o critério pelo qual o verdadeiro impacto das seitas é considerando pela sua periculosidade, sendo a classificação mais adequada a que está baseada na sua estrutura e nos métodos de captação que utilizam:

As seitas **destrutivas**, de estrutura totalitária, sob a direção de um líder com poder absoluto que emprega técnicas de reforma do pensamento. São grupos que literalmente transformam a vida de seus adeptos, os quais são submetidos a um grau de submissão. O isolamento destas seitas é tal que se acostumam a viver em comunidades. Geralmente tentam seduzir os jovens, preferencialmente das classes chamadas média e alta da pirâmide econômica da sociedade em que atuam.

A base deste tipo de seitas é a exigência por parte da chefia do grupo de uma obediência extraordinária aos membros. Segundo o sociólogo Richard Ofshe, *"a habilidade de exigir estas demandas e reforçá-las com castigos, que incluem extorsão e uma humilhação brutal e contínua na frente do grupo se desobedece, explica como uma pessoa que no inicio é totalmente pacifista pode desejar participar em planos para assassinar aos inimigos da seita".*

Em seu livro "O poder das Seitas", Pepe Rodríguez caracteriza as seitas destrutivas da seguinte maneira:

- tem umas estruturas teocráticas, totalitárias e verticais. Nelas, a palavra do líder é um dogma de fé, e qualquer crítica é considerada um ato de heresia.
- o líder pretende ser a mesma divindade, um escolhido por essa divindade, ou o possuidor da "verdade absoluta".
- obrigam, sob pressão psicológica, a romper com todos os laços sociais anteriores à entrada ao culto: família, parceiro, amigos, trabalho, etc.
- vivem em comunidades fechadas ou em total dependência do grupo.
- controlam absolutamente toda a informação que chega a seus adeptos, e a manipulam segundo seja conveniente.

- usam técnicas psicológicas e neurofisiológicas que servem para anular a vontade e o raciocínio do adepto. Isto em muitos casos pode causar alterações psíquicas irreversíveis.

- introduzem entre seus adeptos o conceito de que fora da seita todos são inimigos.

- sua atividade fundamental é o proselitismo e a arrecadação de dinheiro. Obtém sob pressão psicológica, a entrega do patrimônio pessoal dos novos adeptos.

Nas seitas **perigosas**: a grande diferença destas com as anteriores é a ausência de técnicas de reforma de pensamento. Por este motivo se consideram de menor risco que as destrutivas. Com respeito à América do Sul, são os grupos que mais têm crescido, nesta parte do continente, e estão na sua maioria relacionadas com a chamada "Igreja Eletrônica", que teve sua origem nos Estados Unidos. De acordo com as estatísticas, no ano de 1970 seus adeptos não superavam quatro milhões, e hoje somam perto de cinqüenta milhões.

Estes grupos se caracterizam por não cooperarem com outras religiões, e por acreditarem que fora de seu credo, não há possibilidade de "salvação". Chama a atenção a marcante ênfase que dão em detalhes menores, como a proibição de fumar, de beber álcool, etc. Outras características marcantes em alguns destes grupos abrangem:

- uma particular interpretação das escrituras, geralmente simplista e linear.
- decididamente apocalípticos, na espera do "fim do mundo".
- se isolam da sociedade, porque se consideram escolhidos por Deus.
- a maioria de suas pregações é baseada nos conceitos de sarar e curar.
- acreditam que não vale a pena mudar o mundo, pois ele é perverso.

Já nas seitas **de risco:** existe uma categorização um pouco difusa. Pode-se dizer que engloba centenas de pessoas que realizam diferentes atividades que hoje são conhecidas com o também não claro conceito de *"New Age".* O perigo aqui está latente, na beira do sectário. Os grupos ficam em volta de temas em particular, que podem ser: a bioenergía, o controle mental, a cosmobiología, os discos voadores, etc., etc. Estes grupos são movimentos debilmente estruturados e pouco organizados, focalizados a partir de uma metodologia ou teoria que presumivelmente produz uns benefícios pessoais,

que vai desde emagrecer até obter a salvação eterna.
Estes grupos aproveitam todos os meios que estão a sua disposição, na atualidade: publicidade em jornais, televisão, rádios. A New Age em geral aponta um conceito unificador: a existência de fontes alternativas de energia sanadora à qual se pode acessar facilmente.
Qual é o perigo destas práticas? Fundamentalmente dois: o primeiro, que quem padece de uma doença psíquica ou física que pode ser verdadeiramente solucionada com métodos efetivos e "terrenos" (o caso mais concreto é o câncer) perca um valioso e irrecuperável tempo submetido a placebos disfarçados de terapias de alternativa. O segundo é a possibilidade – sempre latente – de que o suposto terapeuta de imediato se "ilumine", e como conseqüência desta revelação transforme seu grupo de terapia numa seita. Geralmente, as seitas assim formadas são de um altíssimo poder destrutivo.
Para o cardeal belga Godried Dannels, a New Age é uma coisa muito difícil de definir: *"não se trata de uma religião, mas é pelo menos religiosa; não é uma filosofia, mas pelo menos é uma visão do homem e do mundo, assim como uma chave de interpretação. Não é uma ciência, mas apoia-se em leis 'científicas', ainda que tenha que ir procurá-las entre as estrelas. New Age é uma nebulosa que tem esoterismo e ocultismo, pensamento místico e mágico a respeito dos segredos da vida, com uma pitada de cristianismo. E tudo misturado com idéias que provenham da astrofísica".*
Neste ponto deve-se analisar o fenômeno sectário como a conseqüência de um processo mais profundo, de índole social. Não é nenhuma casualidade que a maior captação de todos estes grupos (inclusive, das seitas verdadeiramente perigosas) encontra-se entre os níveis sociais mais submergidos, com menos possibilidades de realização econômica e, porém, cultural (a relação entre economia e cultura é quase uma razão direta para os países latino-americanos). Nestas condições, é muito tentador acudir a quem oferece soluções rápidas, quase mágicas para todos – absolutamente todos- os problemas. A força que antigamente podia outorgar a oração, a fé nas grandes religiões, hoje perdeu território frente a estes "consertadores de esperanças", que vendem soluções rápidas, infalíveis e permanentes.

Líderes e adeptos: perfil psicológico

Na análise das seitas contemporâneas, pode-se realizar mais exatamente uma caracterização psicológica dos dois componentes imprescindíveis destas associações: os líderes e seus seguidores.
A condição de líder é uma coisa verdadeiramente difusa. Tem que existir, obrigatoriamente, um marco referencial que permita determinar os alcances dos poderes do líder. Assim, este líder pode autodenominar-se guru, mestre, profeta ou presidente. Dirigir, ordenar e exercer a autoridade não são em absoluto atividades que, em princípio podem-se relacionar com o sectário.
O verdadeiro problema aparece quando se agrega a estas características um componente psíquico patológico, geralmente um desequilíbrio, que se expressa como uma crença mística, mágica, que leva a um tipo de "autismo ativo", no qual o líder, já fanatizado pela sua iluminação, vive em um mundo totalmente diferente, com regras próprias e geralmente opostas às do mundo terreno e corrente, ao qual começa a renegar.
Como já vimos, este desequilíbrio pode disparar quase sem motivo, no mesmo plano do exercício de uma profissão. É muito comum o caso de médicos ou psicólogos que acreditam ter recebido uma "revelação", e estão aqui para "cumprir uma missão", a partir daí seus pacientes deixam de sê-lo para transformarem-se em escravos, em seguidores de quem agora se transformou em seu único meio de salvação.
Um líder sectário é, antes de todas as coisas, um fanático.
E quando se fala de fanático fazemos referência a alguém que considera sua verdade como algo absoluto, sua crença como algo sagrado e acima de qualquer coisa.

No livro "O verdadeiro crente", o psicólogo Eric Hoffer descreve assim os rasgos do fanático: *"se sente de posse de uma verdade que é única e não tem nenhuma dúvida de sua certeza. Sente que é puxado por um misterioso poder que pode ser Deus, o destino, a lei ou a história. Está convicto de que seus oponentes são a encarnação do mal, e por isso devem ser destruídos".*
Estas características encaixam perfeitamente com personagens nefastos da história, como foi Adolfo Hitler.
Desde o ponto de vista psicológico, um fanático é uma pessoa tão insegura que necessita disfarçar-se de outra. Renuncia a seus atributos individuais,

dos quais se sente na realidade decepcionado, e muda de identidade. O líder de uma seita destrutiva é uma pessoa messiânica, extremadamente paranóico e com um grande poder de carisma, de magnetismo pessoal. O pesquisador Pepe Rodríguez observa que *"o líder resulta numa figura marcadamente inibitória e com caráter de tipo autoritário. Está sempre submetido a tendências sadomasoquistas que utiliza para evadir-se de uma angustiosa sensação de isolamento, insignificância e impotência que o domina".* Não é uma casualidade que os mais sangüinários tiranos escondam uma personalidade atormentada por muitos problemas de sua vida privada, principalmente frustrações no lado afetivo e, em particular, no sexual.

Os líderes sectários são possuidores de um "narcisismo maligno", caracterizados por um sentimento extremo de crueldades sádicas, suspeitas paranóides (manias persecutórias), e por sobre todas as coisas, uma total falta de sentido de culpabilidade. A sua arrogância transforma-se em algo maligno quando se combina com a crença de que qualquer agressão é justificada para perseguir os objetivos fixados. Desfrutam ferindo aos outros, são acossados por contínuas suspeitas e se vêem assim mesmo como vítimas perseguidas por um *complô.*

Como não pode existir um líder se não há um grupo para dirigir, veremos agora quais são as coisas que levam uma pessoa a seguir cegamente seu profeta ou mestre a tal extremo de oferendar sua vida por essa obediência. Em primeiro lugar, é necessário lembrar que a influência que o líder exerce sobre um indivíduo é maior se encontra-se organizado em grupos. Neste sentido é bom lembrar a opinião de Freud em sua análise das massas: *"os indivíduos de uma massa necessitam ainda a ilusão de que o chefe os ama a todos com um amor justo e eqüitativo, enquanto que o chefe não necessita amar, podendo transformar-se em amo e senhor e, ainda que absolutamente narcisista, acha-se seguro de si próprio e desfruta de total independência".*

Com o mesmo caráter minucioso que se tem analisado as características mais sobressalentes da personalidade de um líder sectário, podemos descrever as características de seus seguidores.

Para a American Family Foundation existe um perfil psicológico padrão para um jovem que é atraído e captado por uma seita. O psicólogo Steve Asch, dessa instituição, confeccionou uma tabela que resume os principais fatores

de vulnerabilidade:

1. Alto nível de angústia, insatisfação geral na vida.
2. Culturalmente descontente (vocações frustradas).
3. Carência de um sistema de crença / valor religioso intrínseco (auto-aceito e fortemente mantido como uma parte importante da personalidade), ou de uma religiosidade menos profunda.
4. Sistema familiar com algumas disfunções:

a) Síndrome de “ausência do pai”.
b) Carência de guia, direção, estrutura e limites paternais
c) Carência de uma atenção e afeto positivos incondicionais.
d) Pobre comunicação familiar.
e) Conflito paterno matrimonial permanente.

5. Tendências a personalidade dependente:

a) Carência de objetivos próprios.
b) Carência de um adequado autocontrole.
c) Susceptibilidade a ficar em estado de transe.

Estes fatores de vulnerabilidade estão resumidos em três características que aparecem como uma constante através de numerosas entrevistas: em primeiro, um elevado nível de angústia e depressão, isto se deve geralmente à perda de um familiar, parceiro ou o trabalho. Em segundo lugar, uma família que não funciona: o 95% dos jovens que ingressaram em uma seita padecem da chamada síndrome de ausência do pai, que não necessariamente indica sua ausência física por falecimento ou abandono, mas a falta de autoridade e as responsabilidades de pai. Em terceiro lugar, a solidão. No momento em que foram captados pelas seitas, os jovens estavam isolados do grupo ao que pertenciam socialmente (família, amigos, parceiro, trabalho).

A lavagem cerebral

Uma das características mais sinistras destes grupos sectários da atualidade são seus métodos de adaptação psicofísica, com os quais transformam seus adeptos em verdadeiros robôs, com um pensamento totalmente diferente do que possuíam quando foram captados pela seita.

Estes métodos são conhecidos pelos investigadores como *"Programa de Modificação do Pensamento"(*PMP), transformam ao indivíduo em um ser totalmente dominado pela seita. O objetivo destes métodos, é mudar radicalmente a percepção do mundo, o ponto de vista individual, com o objetivo de conseguir que essa percepção aceite uma nova versão da realidade, para
elaborar de novo e totalmente a interpretação de sua vida passada e assim poder aceitar um novo sistema de crenças ditado pelos diretores do programa de modificação. As informações recebidas determinam nossa percepção e o significado das coisas é uma questão individual condicionada por nossa personalidade, inteligência e temperamento. Os dados são exclusivamente "nossos dados". Assim estes indivíduos chegam a ser escravos dos líderes.

Vilayanur Ramachandran, um pesquisador da Califórnia, descobriu que pessoas com epilepsia do lóbulo temporal geralmente se convertem em fanáticos religiosos. Segundo ele, a zona cerebral que se ativa, precisamente, quando alguém experimenta um sentimento religioso é o lóbulo temporal. A manipulação desta área cerebral poderá fazer com que nós troquemos nossa fé?.

Para a investigadora norte-americana Margaret Singer, da Fundação Americana para a Família, se tem que dar cinco condições decorrentes para ter sucesso no programa de modificação do pensamento:

1. Obter um evidente controle temporal sobre o conteúdo do pensamento do indivíduo, com o qual se dominam aspectos básicos de seus redores físicos e sociais.
2. Ter um sistema de castigo-recompensa com o objetivo de promover o aprendizado da ideologia ou do sistema de crenças dos líderes.
3. Criar na pessoa uma total perda da auto-estima, um sentido total de impotência.

4. Inibir mediante castigos e recompensas as crenças, o comportamento e os valores da pessoa que tem sido recrutada.
5. O P.M.P. está baseado em um sistema de lógica fechada e uma estrutura autoritária, na qual todos estão equivocados, o sistema sempre tem razão e não pode ser modificado, somente por uma contra ordem proveniente dos líderes.

Este programa tem sucesso quando consegue que a pessoa aceite totalmente as novas crenças e renuncie à sua vida anterior, incluindo suas relações mais sólidas.

Este acondicionamento psicofísico tem o resultado esperado mediante muitos procedimentos que agem ao mesmo tempo. Alguns deles são na realidade muito curiosos, como o uso de um vocabulário próprio, que contribui a isolá-los das demais pessoas (os Hare Krishna cantam 1.728 vezes por dia seu mantra *"Hare Krishna, Hare Hare, Hare Rama...",* e como o dia tem 1.440 minutos no total, sem contar o que se dorme e come, esta conta vai dar mais de uma vez por minuto. Com esta técnica dificilmente a pessoa poderá pensar em alguma outra coisa). Isto vai produzir ao final do dia, uma dissociação temporária que desvia a atenção e provoca uma inibição cortical. Novamente aparece o transe hipnótico, neste caso por repetição monótona. Também usam uma vestimenta particular que contribui com este isolamento.

Outros procedimentos são decididamente perversos, como o enfraquecimento orgânico extremo, poucas horas de sono e uma intensa atividade de trabalho. Quem é submetido a um "tratamento" destas características experimenta uma marcante diminuição geral de suas funções nervosas conscientes: perda de atenção, de tempo para reagir e incapacidade quase total para o trabalho intelectual.

Nestas condições, a pessoa fica muito dócil e obediente.

Quando finalmente se consegue desvincular o indivíduo do mundo exterior, com um distanciamento total do grupo que pertencia, passa a depender totalmente da seita, na qual se sente verdadeiramente protegido.

Opinam os especialistas que existe um auge do fenômeno sectário em todo o mundo, e que isso se deve, entre outros aspectos que, nem as religiões tradicionais, nem os partidos políticos dão respostas suficientes para garantir uma vida melhor.

As sociedades, quando declinam; o fim de século ajuda, como marco referencial e temporal - *New Age*-, começam a crer em tudo e em qualquer coisa que possa servir de *esperança* (astros, ETs, anjos, ovnis, adivinhos, gurus, gnomos, os “profetas de alternativa”, assim como as seitas do final de século).

Os métodos de financiamento dos novos movimentos religiosos são variados, mas geralmente respondem a um esquema geral que se traduz em certas tipologias.

Um dos maiores negócios é a venda de produtos terapêuticos ou educativos, têm seitas de nível internacional, que são macroempresas que movimentam milhões de dólares através de seus cursos, fitas de vídeo e cassetes. Tem outras onde suas fonte de renda vem da capacidade de integrar-se nas altas esferas da economia de certos países. Outro meio de fortes divisas é o mercado editorial, e a venda de produtos místicos –incenso, colares, imagens, etc.- que são vendidos em locais e mesmo na rua. Por último, as doações particulares, heranças e vários trabalhos gratuitos dos *seguidores* podem render muito.

Com o assombroso processo de transformação que tiveram os sistemas de comunicação humano na última metade deste século, os mesmos têm servido e muito como ajuda de propagação em massa, a um nível internacional, das pregações, das idéias, das palavras de textos religiosos, dos pedidos, das intenções.

O uso desta nova tecnologia no poder da comunicação tem elevado e multiplicado a quantia de fieis. Para se ter uma idéia melhor, enquanto as estimativas históricas dão uma quantia de não mais que trinta mil ouvintes para Jesus, em toda a sua vida, a Igreja Eletrônica, com a ajuda dos satélites de comunicação, consegue que um bilhão de pessoas possam ser atingidas de forma simultânea por os novos predicadores da palavra do Evangelho.

Estudos feitos por pesquisadores dos Estados Unidos, têm demonstrado que as pessoas, quanto mais assistem televisão, mais adotam uma visão negativa do mundo. Acreditam que o mundo é muito perigoso, pouco seguro, e são mais permeáveis às mensagens que prometem maior segurança. Neste contexto se encaixam perfeitamente os *telepregadores*.

Sem dúvida, **ainda há muito caminho por percorrer na difícil tarefa de conjugar dois direitos: o de *acreditar* e o de *não acreditar*, que ainda**

neste caso parecem contraditórios, não deveriam sê-lo, ou sim?

“Temos muitas religiões para nos odiarmos,
mas não as suficientes para nos amarmos.”

Fabio Puentes

8 Promessas do além ou além das promessas?

Todas as religiões, sem exceção, nunca serviram para unir ou aproximar os homens, pelo contrário, tem sido a causa de perseguições, martírios e sofrimentos inacreditáveis, de inenarráveis violências físicas e espirituais na história da humanidade. Os crimes, o terror, as guerras e a repressão em “nome de Deus” tem preenchido os mais tenebrosos capítulos dessa história. Isto acontece porque todas as religiões e seitas se valem da mesma estratégia para conseguir seus fiéis: dividem o mundo entre o bem e o mal e proclamam às pessoas a ficarem do “lado certo”, em troca prometem paraísos e ameaçam com infernos. Neste tipo de estratégia não é aceito o uso de uma inteligência baseada no sentido comum, nem de um raciocínio independente da emoção.

Sempre existiram dentro das religiões grupos formados por membros fundamentalistas, dedicados a interpretar em forma particular e perversa

textos sagrados, os quais eram adaptados de acordo a circunstâncias e conveniências pessoais, filosóficas e muitas vezes até políticas, criando pactos entre o Estado e a Religião, levando a reprimir direitos humanos como a liberdade de consciência. A luz da razão da livre escolha, era eclipsada pelas trevas do “lado certo”.

Neste casamento de Estado-Religião, nascem filhotes, que seguindo as diretrizes dessas narrativas religiosas que o incitam a seguir fielmente suas crenças exacerbadas, poderão ser etiquetados como elementos de risco, perigosos, destrutivos e até, segundo os resultados e conseqüências obtidas em seus atos, em nome do “lado certo”, serão considerados “terroristas”, que justificam seus crimes em loas ao poder e a glória de seu Ser Supremo, seja ele qual for.

A pergunta salta às vistas: que métodos intolerantes, que linguagem sórdida provoca esta intoxicação mental que impede o comando da razão e que não respeita nada a não ser aquilo que está programado a crer?

Esse método e linguagem de “lavagem cerebral” pedem em muitos casos, prova de fé, de esforços surpreendentes e torna-se mártir. É a maior demonstração de purificação da alma.

Isto funciona porque são iniciados desde cedo, sendo doutrinados à obediência de certas regras e leis, que não se discutem, isso é fé, com uma mitologia completa, um livro sagrado que recitam de memória e convencidos a acreditar que viverão após da morte, onde receberão uma recompensa especial. Esta promessa final é essencial.

(Sabe-se que a hipnose é um método de controle mental, onde o uso e aplicação de suas técnicas, por profissionais competentes, fazem que as sugestões dadas sejam aceitas sem questionar. Qualquer semelhança com os métodos religiosos acima mencionados é simples coincidência)

Qual seria a explicação dentro de um eixo psico-neuro-fisiológico, para que este método funcione efetivamente: o Dr. Julian Jaynes, em seu livro *“The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind”,* mostra como aproximadamente há 3.000 anos atrás , os seres humanos começaram a criar consciência. Para Jaynes, o cérebro era bicameral, isto é, dividido em dois hemisférios, mas com ligações fáceis entre os dois.

O Dr. Jaynes presume que o gênero humano começou há aproximadamente dois milhões de anos e, como todos os demais primatas,

se comunicava através de reações e de emissões automáticas de sons. Segundo ele os homens da antiguidade aprenderam a falar e a viver sua vida cotidiana, mas como quaisquer outros animais, permaneciam inconscientes durante toda sua vida. Foi a partir de 70.000 a.C. que ele conseguiu desenvolver idiomas rudimentares orais, ao contrário de outros animais que se comunicam através de toques, gritos, cheiros, movimentos, etc.

No início dos anos 9.000 a.C., começaram a desenvolver os idiomas orais, as tarefas se padronizam, ficando mais e mais parecidas entre os grupos de pessoas, isso permitiu que elas cooperassem e atuassem mais e mais em união através de suas mentes bicamerais. Jaynes crê que, no momento em que o hemisfério esquerdo adquiria progressivamente uma linguagem sofisticada, os problemas que o homem enfrentava eram simples e rotineiros. Sendo rotineiros os problemas, o lado direito estava de posse das soluções que processava. Como trabalhava em velocidade superior, emitia as soluções para o hemisfério esquerdo a partir da zona reconhecida como sendo a das alucinações. Por ela, o lobo temporal direito tratava a informação intuitivamente e produzia ordens orais, interpretadas como “divinas”. A mensagem era transmitida pela comissura anterior à zona de Wernicke, no hemisfério esquerdo, onde era retransmitida pela passagem anterior que liga os dois lobos temporais e que parece um corpo caloso particular, mas muito reduzido e, então colocada em ação. Nesses comandos utilizava as vias auditivas que eram o código mais econômico para obter um entendimento da informação transmitida.

Naquela época, o bicamerismo cerebral era um imperativo do psiquismo coletivo que sancionava as “ordens divinas”. Desse modo os homens eram guiados por vozes ou impressões estranhas nas suas mentes bicamerais-mentes inconscientes estruturadas para sobrevivência automática da natureza. Essas vozes denominavam a si próprias de “deuses” e indicavam que o outro, era o “servo” ou o “homem”. Os deuses ordenavam ao homem agir e os homens obedeciam. Não havia nenhuma discussão possível, nem relação afetiva ou pessoal entre os executantes e a “vontade divina”. Muitas vezes as vozes vinham diretamente, outras por intermédio de sacerdotes - pessoas que se colocavam como intérpretes dos deuses ou eram treinados para isso.

Jaynes revela um paradigma de quatro etapas que pode fazer retroceder as mentes suscetíveis em mentalidades bicamerais alucinantes.

Os antigos gregos usavam um paradigma semelhante para reorganizar ou reprogramar as mentes camponesas iletradas em mentalidades totalmente bicamerais de forma que podiam ser utilizadas como oráculos e dar conselhos através de vozes alucinantes – vozes que poderiam governar o mundo, como o oráculo de Delphos.

Como se explica tudo isso? Ora, é sabido que o hemisfério direito não pode falar, mas pode compreender e interpretar instruções muito complicadas. Quando esta zona for estimulada por uma corrente elétrica durante os experimentos de Penfield, as pessoas ouviam vozes que se dirigiam a elas (em alguns casos eram visões). Outros ouviam vozes aconselhavam, davam ordens e elas pertenciam a outras pessoas (em geral os pais) ou amigos influentes.

Nos esquizofrênicos atuais (que são afastados do convívio da sociedade e estigmatizados), há atitudes que relembram o homem arcaico. Naqueles tempos as alucinações eram sancionadas; hoje, não.

]

Aí está a chave: *deteriorar a mente das pessoas com processos autoritários e repetitivos, anulando a ação da consciência e o raciocínio, implementando e enchendo sua psique de medos e culpas, através de autoridades externas e eternas, e com grandes recompensas, sempre após da morte, a ser pagas tão rapidamente quanto maior seja a submissão.*

Não há nada tão perigoso para manipuladores
quanto pessoas que pensam por si".
Meg Greenfield

9 Armadura ou armadilha?

Eu lembro, muito bem, de meus anos de estudante, como interno, num colégio de padres jesuítas, na cidade onde nasci. E não posso me esquecer que numa das aulas de religião, quando escutei a oração de despedida de Jesus a seus discípulos, na qual lhes anuncia o "juízo final", onde Deus: *"colocará os cordeiros à sua direita e os cabritos à sua esquerda*" (Mateus: 25, 33 e seguintes), mensagem que me ensinava e mostrava qual seria o meu prêmio se não duvidasse jamais e acreditasse nas Sagradas Escrituras, sem afastar-me delas jamais um milímetro sequer. Naquele momento eu soube, com toda certeza que, meu lugar teria que estar à esquerda de Deus. Eu tinha minha cabeça *cheia* de dúvidas e muitas questões. Eu ganhei de Deus, ao nascer, um intelecto para fazer uso dele. Teria que viver o resto de minha vida covardemente por medo de não usar minha mente, o livre arbítrio ou o raciocínio?
Já faz quase quarenta anos que esse fato ocorreu e eu continuo inalterável:

ainda **penso** e **questiono.**
Por isso, quando li um artigo escrito em um jornal evangélico, que era entregue em frente a um templo, onde a *esperança,* o *desespero,* e o *negócio profano* misturavam-se numa perfeita *simbiose,* no qual lia-se: *"Hipnose, a perigosa manipulação da mente",* compreendi que há coisas que não podem adiar-se, nem admitem espera, o fruto estava maduro. Era o momento justo para terminar de escrever este livro.
"Por sua semelhança, estar hipnotizado ou estar em transe representaria o mesmo fenômeno, já que as três características que definem estas condições estão presentes nos dois estados, de acordo com a Psicologia: sugestionabilidade (a predisposição de ser facilmente hipnotizado), memória alternada (lembrar e esquecer dos acontecimentos) e amnésia ao acordar. Desta forma, não existe diferença, do ponto de vista das mudanças físicas e psíquicas, entre transe hipnótico, transe mediúnico, transe espírita ou transe parapsicológico". Explicitava assim o jornal. Aí, eu fiquei **pensando** e **questionando** que, quando os pastores e padres fazem um exorcismo nas pessoas que estão "possuídas", também existe uma hiper sugestionabilidade (a pessoa entra rápida e facilmente em um transe com um toque ou uma imposição de mãos), uma memória alternada e uma amnésia ao acordar (geralmente os "possuídos" não sabem nem se lembram do acontecido com eles). Então estes líderes religiosos, também fazem hipnose. Qual é a diferença?
"Nas igrejas evangélicas, - continuava o jornal - *alguns pastores adotaram a técnica para a chamada cura interior, motivo de grande polêmica entre os cristãos. A diferença estaria no fato de o Espírito Santo ser o intercessor no momento do transe".* Do meu ponto de vista, como profissional da hipnose, não sei bem o que é ou quem é, especificamente o Espírito Santo, mas sim sei que a diferença está na ***intencionalidade*** desse pastor que não sabe bem distinguir entre o uso do transe hipnótico como um ***meio*** para atingir alguma coisa, ou como um ***fim.***
"A técnica consiste em deixar o paciente em uma posição confortável e, através de frases repetitivas, que induzem ao relaxamento, chegar ao seu inconsciente, onde estão armazenados desejos, sentimentos, lembranças e idéias. O contato com esta espécie de compartimento cerebral, em condições especiais, permitiria a liberação de traumas e conflitos

escondidos, promovendo a cura", acrescentava ainda a matéria jornalística. Esta é uma das **melhores e mais claras definições de hipnose que eu já tenha lido.**

Continuo sem ver a diferença que existe, entre um pastor e um profissional da hipnose, no momento que ambos estão usando a suas respectivas técnicas de expressão e de comunicação.

Sigo lendo: *"O inconsciente, quando desencadeado, pode levar uma pessoa à obsessão, afirmam alguns autores que lidam com o tema. Pessoas com frustrações profundas, em certas condições que debilitem a ordem psicológica, tais como o transe, a hipnose, contágio psíquico, álcool, drogas ou esgotamento nervoso podem ter suas fantasias afloradas na forma de manifestações automáticas e este despertar do inconsciente poderia levar à evidência de algo que parece ser outra personalidade. Isso certamente acontece tanto com médiuns espíritas como com certos cristãos desavisados".*

É esquisito como o autor da nota esqueceu-se de incluir, na mesma, o caso daqueles indivíduos que apresentam no templo o sintoma de estar "possuidos", que encaixam-se muito bem dentro dos fenômenos descritos acima por ele.

Mais adiante, outra colocação na nota jornalística, deixa-me com os cabelos em pé: *"A hipnose regressiva encontra seu paralelo entre os evangélicos, no modismo que vem contagiando alguns pastores, intitulado cura interior. Ainda que o método utilizado para a cura interior não seja a fiel reprodução de uma sessão de hipnose, o ritual é bem parecido, com a utilização da imposição de mãos, música suave de fundo e, após o relaxamento ideal, o clamor para que o Espírito Santo penetre no inconsciente da pessoa, que relembra fatos relacionados à infância e até mesmo à vida ulterior (dentro da barriga da mãe).*

E aqui eu me pergunto: terei que continuar agindo covardemente e não pensar, não questionar e aceitar que quando no templo há um caso de "possessão", **não é *neurose*, é o demônio**; e que quando o pastor emprega técnicas similares às de uma sessão de hipnose nos casos de "cura interior", **não é um hipnólogo** a mais**, é o Espírito Santo?**

Por favor! Até quando...?

A hipnose é uma **ferramenta**, e como tal o uso da mesma é inerente a quem a esteja utilizando, e com que intenção:

A hipnose não é perigosa,
perigoso é: quem faz hipnose!

“Não há caminho para chegar até Deus. Deus é o caminho”... e aqui te cobram o pedágio.
Grafite num muro de uma igreja em Montevideu.

Apêndice

Entre os cursos que tenho ministrado, há um em particular que chama muito a atenção dos leigos, porque usa uma metáfora motivacional e transformadora no comportamento das pessoas. Dentro das técnicas ensinadas se dão ao aluno seis ferramentas ou utensílios para seu uso dia a dia, que fazem que, ele transforme seus medos em poder, ultrapasse seus limites, tenha mais segurança a toda prova, controle seus medos e pânicos. Este curso tem sido ministrado para empresas, incrementando o potencial de seus funcionários e para pessoas com medos, fobias, e outras com qualquer problema em geral.
Ao finalizar o curso, em uma demonstração de que como tudo o aprendido pode ser aplicado em qualquer momento, se ensina ao aluno a utilizar esses utensílios, deixando de lado a teoria e passando a ação, *caminhando sobre fogo,* por cima de um “tapete” de uns cinco metros de comprimento por um metro de largura, de brasas acessas, que estão a uns 600 graus de temperatura na superfície.

Todo isto se faz aplicando um certo ritual baseado nos *ka-hunas*, - que significa na língua da Polinesia: os “guardiãs do segredo”- que são xamãs havaianos que caminham sobre lava incandescente usando princípios básicos de auto-hipnose e práticas relacionadas com o que hoje se conhece como Programação Neuro-Lingüística; e em nas técnicas da sugestão e da hipnose, que leva à transformação do medo *na passagem*, ao poder *do outro lado.*

Toda atividade, da mais importante até a mais corriqueira, exige um ritual. Em seu livro *Rituals in Psychoterapy*, Onno van der Hart (1983) cita a Fritz Perls, o brilhante mestre da terapia gestáltica, quem diz que se não houvesse nenhum ritual em um acontecimento importante (nem o fato de brindar, nem apertos de mãos, nem cerimônia de nenhum tipo) o acontecimento ficará insípido, sem sentido. Isto se vê no ato de fumar, de fazer sexo, de comer, de praticar um esporte, de fazer a barba e na aplicação da maquilagem, ao vestir-se, no rezar, etc., o ritual da um “toque” diferente, mais marcante em tudo onde seja aplicado.

O fato de criar um ritual pode ser muito útil para liberar e controlar os pensamentos, os sentimentos, tendo mais segurança e usando o ritual como se fosse um talismã, um amuleto. Tem vezes que o ritual pode ser, no caso de um esportista: calçar tal sapato primeiro sempre e amarrar o cadarço de uma forma determinada. Simples ou complexo, um ritual é sempre um motivador poderoso, porque está cheio de crenças, fé e expectativa, todos estes são componentes daquela equação do capítulo 2.

Pelo fato de usar esse ritual de caminhar pelo fogo, como uma metáfora transformadora e pelos bons resultados obtidos, recebi um convite de uma empresa chamada “Universal Life Church, Inc.” (que traduzido ao português é “Igreja da Vida Universal e Companhia Limitada”, com sede em Modesto, California, Estados Unidos, a participar do seu quadro. Segundo eles, são a maior congregação de igrejas no mundo, porque qualquer grupo com mais de trinta pessoas pode afiliar-se à mesma, mediante uma taxa de inscrição, é obvio, e escolher, pagando também, um título de qualquer igreja do mundo, que vão de *cardeal,* passando por *bispo*, *prior*, *elder, rabbi, brahman, xamã, lama, druida, iman, pastor, derviche,* até *profeta.*

A tal título, tal preço!

Em quase todos os países do mundo, as igrejas não pagam nenhum tipo de

impostos, e esta empresa americana brinda essa oportunidade de poder montar um negócio sem muitas despesas, e com “as costas quentes” em *nome de Deus*.
Podemos analisar e comprovar pelo já exposto neste livro, que existe um certo paralelo entre: as técnicas corporativas, o manejo e uso das informações, o doutrinamento, as captações, as pregações com “postas em cena” e o sistema de integração de forma piramidal nas estruturas destas congregações religiosas e muitas empresas de marketing direto e de rede.

Conclusão final: que, o uso correto e na hora certa das sugestões e das técnicas de hipnose na comunicação, são o “carro chefe”, médio ideal para chegar melhor, mais rápido, e mais efetivo a mais pessoas e atingir diretamente no alvo escolhido.
Por isso que é bom saber como “tudo isto” funciona, como se faz funcionar e conhecer quais são as necessidades emocionais e carências afetivas de cada um de nós para assim, chegado o momento, poder repetir, como faz o povo judeu, toda vez que se lembra de Hitler e suas doutrinas: ***”Nunca mais !!”***
Não permitam que lhes vendam facilmente o “sabor da picanha na hora do apetite”.
“Não podemos evitar que as aves de rapina cruzem os ares sobre as nossas frontes, mas podemos evitar que façam ninhos sobre as nossas cabeças” (André Luiz).

Sem mas, quero despedir-me com um poema de um poeta espanhol, chamado León Felipe, que li faz muito tempo e ficou guardado na minha memória, como algo muito significativo para mim, e que gostaria poder compartilhar com vocês:

Eu não sei muitas coisas
é verdade
Digo somente o que eu tenho visto.
E tenho visto:
Que o berço do homem
é balançado com contos...
Que os gritos de angustia do homem
são afogados com contos...
Que o pranto do homem

é sufocado com contos...
Que os ossos do homem
são enterrados com contos...
E que o medo do homem
tem inventado todos os contos...
Eu sei muito poucas coisas,
é verdade
Mas fizeram-me dormir
com todos os contos...
E sei todos os contos!

P.D. : Ah!, ainda não respondi aceitando o convite daquela “empresa americana”. Ninguém sabe “as voltas que da a vida!”.

Obrigado e até o próximo encontro.